



Universidade de Aveiro Departamento de Comunicação e Arte
2013

**Bruno Miguel
Guia Lopes**

O PERCURSO DO COMPOSITOR JORGE SALGUEIRO NA BANDA DA ARMADA

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Música, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor António José Vassalo Neves Lourenço, Professor Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Prof. Doutor Vasco Manuel Paiva de Abreu Trigo de Negreiros
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor António José Vassalo Neves Lourenço
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (Orientador)

Prof. Doutor Ricardo Iván Barceló Abeijón
Professor Auxiliar da Universidade do Minho

agradecimentos

A realização do concerto pela Banda da Armada enquanto projeto de Mestrado em Música sob a direção da minha pessoa e a consequente elaboração do respetivo documento de apoio foram o fruto da disponibilidade, cooperação e contributo de várias pessoas e instituições, pelo que passo a agradecer:

Ao Professor Doutor António José Vassalo Neves Lourenço, orientador do projeto, pela sua dedicação, incentivo e orientação ao longo das diversas fases de desenvolvimento do trabalho, prático e teórico;

Ao Chefe da Banda da Armada, Primeiro-Tenente Délio Alexandre Coelho Gonçalves, por me ter proporcionado a possibilidade de dirigir a Banda da Armada, bem como pelo seu tempo de entrevista e esclarecimentos; fico grato também pelos seus conselhos inerentes ao ato de conduzir a Banda, artística e humanamente;

Ao Professor Vítor Ferreira, Diretor Pedagógico do Conservatório de Música do Choral Phydellius, e ao senhor Júlio Clérigo, Presidente do Choral Phydellius, pela prontidão com que aceitaram a minha sugestão de convidar a Banda da Armada a realizar um concerto em Torres Novas; também à dona Maria Helena Castilho, secretária do Conservatório e coralista do Choral, pelo seu incentivo; por inerência, ainda ao Teatro Virgínia, local onde ocorreu o concerto, graças à sua parceria para com o referido Conservatório de Música;

Ao compositor Jorge Salgueiro pelo seu tempo de entrevista e os esclarecimentos ao longo da elaboração do trabalho;

Aos restantes entrevistados, Comandante Araújo Pereira e Comandante Carlos Ribeiro, ambos ex-Chefes da Banda da Armada, bem como ao Sargento-Mor António Menino, pelo seu tempo e esclarecimentos;

A todos os professores do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro que contribuíram para a minha aprendizagem ao longo da frequência do curso de Mestrado em Música no ramo de Direção de Orquestra de Sopros;

A toda a minha família, especialmente à minha esposa, Sónia, por toda a motivação e apoio que me proporcionou desde sempre;

No que diz respeito aos ensaios de preparação e consequente realização do concerto, à Banda da Armada, amigos e camaradas, agradeço toda a colaboração, conselhos e performance exemplar, os quais como que anulam todas as adversidades logísticas por que se teve de passar, a par das circunstâncias de um calendário extremamente preenchido por parte do agrupamento. Trabalhar com a Banda, seja do lado do instrumentista, seja do lado do estrado, é, a meu ver, um privilégio, e dirigi-la revelou-se um evento deveras marcante para a minha pessoa enquanto músico – particularmente enquanto maestro –, sendo com muita ternura que recordarei todos os nossos momentos de partilha musical. Banda da Armada, bem hajais.

palavras-chave

Música, banda militar, orquestra de sopros, direção, Banda da Armada Portuguesa, composição musical, Jorge Salgueiro.

resumo

A presente dissertação assume-se como documento de apoio ao projeto de mestrado que se materializou no concerto sinfónico pela Banda da Armada Portuguesa sob a direção do mestrando em causa, projeto este que teve como objetivo o estudo e a apresentação de repertório de Jorge Salgueiro enquanto seu compositor residente. Nesse sentido, explorar-se-á o modo como se deu o percurso do compositor na instituição e a importância da temática do Mar para ambos, elemento fulcral ao desenvolvimento do seu trabalho composicional na Banda da Armada.

keywords

Music, military band, wind orchestra, conducting, Portuguese Navy Band, musical composition, Jorge Salgueiro.

abstract

The present dissertation is the supporting document for the master's degree project which consisted of a symphonic concert given by the Portuguese Navy Band under the direction of the author of this document. The main goal of that project was the study and public presentation of chosen repertoire by Jorge Salgueiro, the resident composer of that military band. Thus, it will explore the composer's journey at the institution and the importance of the theme of the Sea for both, as a fundamental element in the development of his work as composer in the Navy Band.

Índice

Introdução	1
1 – Contextualização do projeto	2
2 – Jorge Salgueiro e a Banda da Armada	6
2.1 – A revelação do compositor na instituição	7
2.2 – A criação do cargo de compositor residente	9
2.3 – Parcerias com instituições artísticas civis	13
2.4 – A temática do Mar	14
2.5 – A orientação artística do compositor	16
2.6 – As diferentes fases de Jorge Salgueiro como compositor residente na Banda da Armada	18
2.7 – Banda da Armada e Jorge Salgueiro: influências	20
3 – Concerto pela Banda da Armada no Teatro Virgínia	25
3.1 – Enquadramento do concerto	25
3.2 – O repertório do concerto	26
3.2.1 – <i>Abertura para o Gil</i> , Opus 63, nº2, de Jorge Salgueiro	27
3.2.2 – <i>Sinfonia nº 2 “Mare Nostrum”</i> , Opus 124, de Jorge Salgueiro	28
3.2.3 – <i>Sabic Symphonic March</i> , de Bert Appermont	30
3.2.4 – <i>Procession to Calvary</i> , de Kevin Houben	31
3.2.5 – <i>Three Spectacles for Navy Blue</i> , de Eiji Suzuki	31
3.2.6 – <i>Innuendo</i> (Queen), arranjo de Jorge Salgueiro	32
3.2.7 – <i>Marchas Célebres</i> (autores vários), arranjo de Jorge Salgueiro	33
3.2.8 – <i>Marcha dos Marinheiros</i> (Carlos Calderon)	34
Síntese e conclusão	36
Referências bibliográficas	39
Referências da web	40
Entrevistas	40
Outra documentação	41
Anexos	
Anexo A – cartaz do concerto relativo ao projeto	42
Anexo B – programa do concerto relativo ao projeto	43
Anexo C – entrevistas em suporte digital (formato mp3)	

Introdução

O presente documento de apoio pretende, por um lado, dar a conhecer o modo como se deu o percurso de Jorge Salgueiro enquanto compositor residente na Banda da Armada e, por outro, sustentar teoricamente o projeto do mestrando Bruno Lopes no âmbito do seu Mestrado em Música, no ramo de Direção (de Orquestra de Sopros), projeto esse que consistiu na realização de um concerto pela Banda da Armada sob a sua direção.

Para a elaboração do documento procedeu-se à seguinte metodologia: pesquisa bibliográfica e de arquivo, trabalho de campo (entrevistas), análise documental e análise de conteúdo.

No primeiro capítulo far-se-á uma breve contextualização relativa ao assunto a tratar. Em *Música e Poder Simbólico (A Banda da Armada como Paradigma Nacional)*¹ (Pereira 2010), Vera Pereira revela um grande conhecimento acerca da Banda da Armada ao longo da sua existência, referindo particularidades da mesma na sua atualidade. Pedro Sousa, em *História da Música Militar Portuguesa*, dá-nos a conhecer o universo das Bandas congéneres em Portugal (Sousa 2008). O segundo capítulo incidirá na relação entre os elementos centrais do estudo: a Banda da Armada e o compositor Jorge Salgueiro, explorando a problemática de como se deu o seu percurso enquanto compositor na Banda e em que medida ambos sofreram influências pela sua interação. Para tal, realizaram-se entrevistas aos últimos três Chefes da Banda da Armada, ao compositor em causa e ao instrumentista da Banda com o posto mais elevado, entrevistas essas que se revelaram basilares para o entendimento do percurso de Salgueiro na Banda enquanto compositor. A par disso, foram analisados dos pontos de vista documental e de conteúdo registos existentes no arquivo da Banda acerca das suas atuações e do seu repertório, bem como listas de composições destinadas a esse agrupamento da autoria de Salgueiro (gentilmente cedidas pelo próprio), permitindo assim atestar-se algumas informações consideradas na pesquisa e ou referenciadas ao longo das entrevistas. O terceiro capítulo, por sua vez, dedicar-se-á especificamente a estabelecer a ponte entre os fundamentos teóricos apresentados ao longo do documento e o concerto efetuado pela Banda da Armada

¹ A publicação do livro em questão deriva da tese “*Caras mas boas*” - *Música e Poder Simbólico (a partir da análise da Banda da Armada Portuguesa)* de Vera Pereira, apresentada na Universidade de Aveiro em 2008.

enquanto projeto. Por fim, serão apresentadas uma síntese e conclusão, tendo em conta o presente trabalho de investigação e o respetivo projeto performativo.

1 – Contextualização do projeto

O projeto de Mestrado consistiu na realização de um concerto sinfónico pela Banda da Armada no Teatro Virgínia, em Torres Novas, essencialmente com repertório de Jorge Salgueiro composto para esse agrupamento musical (não obstante a performance de algumas obras de outros compositores, como se perceberá ao longo do subcapítulo 3.2 – “O repertório do concerto”). Ao nos referirmos a um concerto sinfónico pela Banda da Armada, estamos a considerar a performance de uma banda militar, neste caso a banda pertencente à Marinha (também designada Armada), um dos três Ramos das Forças Armadas – sendo os restantes o Exército e a Força Aérea. Mencionar o carácter sinfónico do concerto prende-se com a própria orgânica instrumental que a Banda apresenta e, naturalmente, com a abordagem que é feita pelos compositores no seu repertório destinado a esse tipo de formação². Pedro Sousa, em *História da Música Militar Portuguesa*, refere:

“A Banda Sinfónica distingue-se da Banda Marcial por ter maior numero [sic] de executantes e por dispor de instrumentos de cordas (Violoncelos e Contrabaixos).” (Sousa 2008, 129)

Ainda que a Banda da Armada não apresente violoncelos nem se autodesigne de sinfónica,

“A Banda da Armada possui três contrabaixos, um piano, um sintetizador, um baixo eléctrico e um alargado naipe de percussão com vários instrumentos de lâminas, para além dos instrumentos de sopro de madeira e de metal que fazem parte da formação tradicional das bandas.”

(Pereira 2010, 105)

² Esta consideração foi transmitida ao mestrando pelo Tenente Délio numa conversa informal prévia à realização da respetiva entrevista.

Pedro Sousa debruça o seu estudo nos vários agrupamentos musicais de natureza militar em Portugal ao longo do tempo (Sousa 2008). Nesse sentido, para além da Orquestra Ligeira do Exército, das fanfarras e restantes bandas militares, o autor considera, atualmente, a existência de cinco bandas sinfónicas: a Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana (GNR), a Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública (PSP) e, no que diz respeito às Forças Armadas, uma banda sinfónica inerente a cada um dos Ramos (Sousa 2008, 117-125).

Também Vera Pereira incide o seu estudo no universo de bandas militares ao longo da História, dando particular ênfase à Banda da Armada (Pereira 2010). A autora refere inclusivamente a importância do compositor Salgueiro para esse agrupamento, referindo que:

“A Banda da Armada é a única banda militar portuguesa que tem ao seu serviço um compositor residente – o Sargento-Ajudante Jorge Salgueiro [o referido militar passou à reserva dois anos após a redação da tese que originou a presente referência bibliográfica]. As suas funções consistem não só em fazer arranjos de partituras cuja instrumentação original não se adequa à constituição actual da Banda, mas principalmente em compor obras originais, algumas em exclusivo para a Banda da Armada, o que, por si só, faz com que esta marque a diferença pela originalidade.”

(*Ibid.* 105-106)

A autora considera que a primeira gravação discográfica realizada em Portugal ocorreu em 1903, precisamente pela Banda de Marinheiros da Armada, como então se chamava (*Ibid.* 76-77). Neste sentido, a Banda da Armada gravou, em 2003, um CD intitulado *Antologia do Centenário*, nele constando, além de outras obras, não só a versão original da peça gravada em 1903, *Cantos Populares Portuguezes nº 2* (da autoria de Rodriguez), como também uma nova versão da mesma, adequada à instrumentação da Banda nos dias de hoje, levada a cabo pelo compositor residente da instituição, Jorge Salgueiro, com “uma nova linguagem e estética musical” (*Ibid.* 77).

No entanto, segundo Rosário Pestana:

“Os primeiros discos comerciais gravados em Portugal devem-se à E. Berliner’s Gramophone. Em 1900, o engenheiro americano William Sinkler Darby (1878-1950), um dos técnicos da companhia que atuava na Europa, integrou a cidade do Porto no roteiro de gravação da Península Ibérica, que começou em Barcelona e acabou em Madrid. Na cidade do Porto, entre Outubro e Novembro de 1900, instalou-se no Hotel Francfort e procedeu à seleção de artistas e repertório que gravou em discos de zinco de sete polegadas.” (Pestana 2013, 6)

Tendo em atenção que esta informação é recente, é muito provável que, aquando da elaboração da sua dissertação em 2008, Vera Pereira não tivesse conhecimento da mesma.

Esta autora dá a conhecer outros trabalhos discográficos realizados pela Banda, dos quais mencionamos, por apresentarem repertório de Jorge Salgueiro, os seguintes: dois discos onde consta a obra *Abertura para o Gil* – nomeadamente *Banda da Armada Portuguesa* (Montepio Geral), de 1998, e *Banda da Armada Portuguesa*, de 2002; *Mare Nostrum*, de 2005, e *Primavera*, de 2006 (Pereira 2010, 151-152). Atualmente, existem mais dois discos com repertório da autoria de Salgueiro interpretado pela Banda da Armada: *Musikschau Der Nationen 2008* e *Projeto Tartaruga*³.

A autora refere também a parceria entre a Banda e o Teatro O Bando em 2008 com a apresentação da *Ópera Extravagante “Saga”*, cujo libreto é de João Brites (a partir de contos de Sophia de Mello Breyner) e a música da autoria de Jorge Salgueiro, salientando que:

“Com este espectáculo, a Banda da Armada marcou novamente pela diferença e pela inovação, tendo alcançado enorme sucesso, tanto dentro, como fora da instituição militar a que pertence.” (*Ibid.* 109-110)

Vera Pereira considera a Banda da Armada, atualmente, “um instrumento de

³ De acordo com as informações que o compositor Jorge Salgueiro disponibiliza no sítio da web: <http://www.jorgesalgueiro.com/pt/discografia/banda-da-armada-portuguesa> (consultado a 30/05/2013).

prestígio social e militar e um guardião da memória da nação” (*Ibid.* 115). Refere também que, à Banda da Armada

“foram atribuídas as competências de assegurar o enquadramento musical de actos militares, que hoje não são mais de carácter bélico, bem como representar a Marinha em concertos, cerimónias e em intervenções musicais de carácter recreativo no âmbito militar ou civil.” (*Ibid.* 115-116)

Como a autora explica, “a Banda é um excelente veículo de representação e promoção da imagem da Marinha em terra”, mencionando a importância que os concertos da Banda da Armada têm vindo a assumir nas comemorações do Dia da Marinha (20 de maio), realizadas anualmente em diferentes localidades do território nacional; embora existisse já um concerto destinado à população local, normalmente ao ar livre,

“[...] a partir de 1998, a Banda passou a realizar uma série de concertos no âmbito dessas comemorações. Um desses concertos, realizado em salas de espectáculos seleccionadas, é reservado a altas entidades da Marinha e a convidados, assumindo-se como um dos concertos de maior importância na temporada da Banda da Armada.” (*Ibid.* 106-107)

À semelhança dos concertos realizados no âmbito das comemorações do Dia da Marinha, a Banda da Armada tem também vindo a tocar por ocasião das Jornadas do Mar na Escola Naval, no Alfeite (RPC-BA UN 1995-2013)⁴. Refira-se que

“Desde 1998 e de dois em dois anos as Jornadas do Mar têm-se constituído como um Colóquio de Estudantes para Estudantes, para dinamizar a Comunidade Universitária em torno dos saberes relacionados com o Mar, entendido este como uma via privilegiada de sustentação do desenvolvimento de Portugal, e, dar corpo à necessidade de conhecer e

⁴ RPC-BA UN 1995-2013 – Registo de programas dos concertos realizados pela Banda da Armada nas unidades militares, de 05/05/1995 a 14/02/2013.

reconhecer, de forma abrangente, o valor dos Oceanos, assegurar a sua preservação e planejar o seu uso em benefício de toda a Humanidade.”⁵

Como se perceberá ao longo do capítulo central deste documento, o trabalho composicional de Jorge Salgueiro para a Banda da Armada adequa-se muitas das vezes à natureza dos eventos e das instituições que os promovem.

No que diz respeito à atividade composicional de Jorge Salgueiro, saliente-se que o próprio se dedica à composição desde os seus catorze anos (é autor de perto de duas centenas de obras, entre as quais nove óperas e três sinfonias, bem como de mais de trezentos arranjos), possuindo repertório para banda, orquestra, coro, bem como música de câmara, para crianças, cinema, teatro e bailado; Salgueiro tem dirigido algumas das suas obras em diversas instituições e foi compositor residente da Banda da Armada desde 2000 até 2010, sendo atualmente compositor residente da instituição Foco Musical e membro da direção artística do Teatro O Bando⁶.

2 – Jorge Salgueiro e a Banda da Armada

Para perceber intrinsecamente o percurso de Jorge Salgueiro como compositor na Banda da Armada e a sua relação com a referida instituição, foram realizadas entrevistas a elementos da Banda que se entendeu serem cruciais para esta investigação, nomeadamente o Comandante Araújo Pereira, Chefe da Banda da Armada entre 1987 e 2005 (Pereira 2010, 87) o Comandante Carlos Ribeiro, Chefe da Banda desde 2005 (*Ibid.*) até 2010, e o atual Chefe da Banda da Armada, o Primeiro-Tenente Délio Gonçalves. Estas entrevistas ocorreram no dia 4 de abril de 2013. Também o Sargento-Mor António Menino, que, além de concertino (clarinetista) da Banda, é atualmente o militar de posto mais elevado a exercer a função de instrumentista no agrupamento (conhecedor do percurso integral de Salgueiro na Banda), foi entrevistado a 3 de abril de 2013. Para finalizar a fase do trabalho

⁵ De acordo com as informações que a Marinha de Guerra Portuguesa disponibiliza no sítio da web: <http://jornadasdomar.marinha.pt/pt/objectivos/Paginas/Objectivos.aspx> (consultado a 30/05/2013).

⁶ De acordo com as informações que o compositor Jorge Salgueiro disponibiliza no sítio da web: <http://www.jorgesalgueiro.com/pt/bio> (consultado a 30/05/2013).

de campo, entrevistou-se o elemento em destaque neste estudo, o compositor Jorge Salgueiro, no dia 8 de abril de 2013. As entrevistas foram gravadas em suporte áudio digital (cf. Anexo C).

Jorge Salgueiro ingressou na Banda da Armada em 1987, no mesmo ano em que esta passou a ser chefiada pelo Comandante Araújo Pereira. Quando este passou à reserva, em 2005, foi substituído pelo Comandante Carlos Ribeiro. O Tenente Délio exerce as funções de Chefe na instituição em causa desde o final de 2010, já depois de Salgueiro ter abandonado as suas funções de compositor residente na Banda. Ainda assim, o Tenente Délio acompanhou de perto o trabalho conjunto entre o compositor, a Banda e a sua chefia, pois exerceu as funções de Adjunto do Chefe da Banda da Armada a partir de 2002 e também de Subchefe da Banda da Armada, consoante a mudança de chefia do Comandante Pereira para o Comandante Ribeiro – atente-se que a existência de três oficiais na Banda da Armada respeita a seguinte hierarquia militar descendente: Chefe, Subchefe e Adjunto do Chefe⁷. Ao longo deste capítulo conhecer-se-ão os diversos pontos de vista dos entrevistados. Se nalguns aspetos apresentaram convergência de pensamentos, noutros, porém, existiu alguma divergência de opiniões. De certa forma, tal permitir-nos-á assimilar com uma maior complementaridade a essência das questões discutidas. Para atestar referências particulares a determinadas obras, remontou-se aos registos existentes na Banda da Armada relativamente aos seus concertos; foram também considerados o catálogo do seu arquivo musical e as listas gentilmente cedidas por Jorge Salgueiro relativas a composições suas para a Banda da Armada enquanto seu compositor residente.

2.1 – A revelação do compositor na instituição

Jorge Salgueiro ingressou na Banda como instrumentista, apesar de nessa altura já estar a desenvolver atividade como compositor. Diz-nos o Comandante Pereira que se tratava de um exímio trompetista, tendo tocado muitas vezes a solo, mas a sua veia composicional veio a enfatizar-se (entr. Pereira 2013). O próprio compositor Salgueiro refere-nos: “eu já escrevia antes de me tornar compositor da Banda” (entr. Salgueiro 2013).

⁷ Atualmente as funções de Subchefe da Banda da Armada são exercidas pelo Primeiro-Tenente José Veloso, o qual foi também Adjunto do Chefe após ser promovido a oficial, aquando da chefia do Comandante Ribeiro.

Os registos de concertos atestam a estreia de repertório da autoria de Salgueiro na Banda da Armada a 30 de outubro de 1992, em Palmela (sua terra natal), com a performance da obra *Abertura para uma nova Rainha* (RPC-BA EXT 1989-99)⁸. Dois anos depois, a 20 de março, a Banda estreia no Teatro da Trindade (Lisboa), a sua primeira sinfonia, *A Voz dos Deuses* (RPC-BA EXT 1989-99). O Comandante Pereira refere que Salgueiro lhe apresentou a sinfonia (a Abertura anterior não fora escrita para a Banda da Armada), e faz notar a importância dos concertos que então a Banda realizava no Teatro da Trindade, antes de os concertos do Dia da Marinha e das Jornadas do Mar assumirem uma maior preponderância (entr. Pereira 2013). Relativamente ao trabalho composicional de Jorge Salgueiro para a Banda, o Comandante Pereira considera como verdadeiro “despoletar” a proposta que fizera ao compositor por ocasião da Expo 98, da qual resultou a sua obra *Abertura para o Gil* (*Ibid.*), estreada a 28 de novembro de 1997, em Palmela (RPC-BA EXT 1989-99). A 18 de maio de 1999 deu-se um concerto conjunto pela Banda da Armada e a Orquestra Metropolitana de Lisboa na Aula Magna (Universidade de Lisboa) a propósito das comemorações do Dia da Marinha, sob a direção alternada dos maestros Comandante Pereira e Miguel Graça Moura (*Ibid.*). Diz-nos Jorge Salgueiro que, em 1997, começou “a fazer alguns trabalhos de composição a pedido do Comandante Pereira”⁹, com vista ao referido concerto – “adaptações” para que ambos os agrupamentos musicais pudessem tocar conjuntamente (entr. Salgueiro 2013). Salgueiro explica ainda:

“Esse concerto, digamos que revelou ao Comandante Pereira a possibilidade de exponenciar e explorar mais uma pessoa que tinha na Banda e que podia abrir novas janelas e novas capacidades de a Banda se relacionar com o público e com entidades.” (*Ibid.*)

Estavam assim criados os alicerces para uma mudança estrutural na Banda da Armada tendo em conta as capacidades composicionais do seu elemento Jorge Salgueiro, o qual foi, claramente, salientando-se desde cedo como compositor dentro da Banda, não obstante o facto de continuar a exercer as suas funções na instituição enquanto instrumentista até ao final da década de noventa do século passado.

⁸ RPC-BA EXT 1989-99 – Registo de programas dos concertos realizados pela Banda da Armada no exterior (meio civil), de 14/07/1989 a 19/06/1999.

⁹ No mesmo ano, portanto, em que compusera a *Abertura para o Gil*.

2.2 – A criação do cargo de compositor residente

Diz-nos o Comandante Pereira que previamente à existência do cargo de compositor residente houvera já compositores a escrever para a Banda da Armada, lembrando “o maestro Marcos Romão [...], o maestro Artur Fão, que também foi Chefe da Banda [...], e mais concretamente o António Fortunato de Sousa, que foi Subchefe [...]” (entr. Pereira 2013). Salgueiro refere, além de Fortunato de Sousa e de Marcos Romão, nomes como Porfírio José da Silva *[sic]*¹⁰, Ferrer Trindade, João Lemos, Vítor Santos e o Comandante Pereira, e considera que o repertório dos compositores que passaram pela Banda da Armada pode servir para estudo do que fora a Banda no seu tempo (entr. Salgueiro 2013), ideia esta que será retomada mais adiante no subcapítulo 2.7 – “Banda da Armada e Jorge Salgueiro: influências”. O Comandante Ribeiro salienta a questão de que muitas vezes na Banda havia que fazer-se arranjos (confessando o próprio ter algum material inédito); todavia, a questão da criação do cargo de compositor residente na Banda da Armada nunca havia sido colocada até Jorge Salgueiro começar a compor para a mesma (Ribeiro 2013).

Segundo Salgueiro, pela altura do seu trabalho realizado para a Banda no contexto da Expo 98, o mesmo foi convidado por duas instituições, das quais menciona apenas a Foco Musical (onde já trabalhava como compositor e maestro), no sentido de tornar-se seu compositor residente, o que implicaria ter de abdicar da sua vida como músico na Banda da Armada; face a essas circunstâncias, refere ter sido proposto pelo Comandante Pereira, então Chefe da Banda da Armada, que, em vez de sair da Banda, nela passasse a dedicar-se “em exclusivo à composição”, pois “a Banda tiraria benefícios dessa nova fase” (entr. Salgueiro 2013). Salgueiro continua:

“E assim se despoletou o processo... depois, houve uma altura em que o Comandante Pereira me perguntou como é que isso seria possível de concretizar. Eu disse-lhe que precisava de uma sala insonorizada, naturalmente, de um computador, de uma série de condições, que se verificou na altura não serem possíveis, porque teria que sair daquele espaço da Banda, porque era impossível estar a compor e estar a ouvir os ensaios ao

¹⁰ Posteriormente à entrevista, Salgueiro confirmou que pretendia referir-se a Porfírio José da Cruz.

mesmo tempo... e na altura verificou-se que, o melhor, mesmo, era eu desenvolver o meu trabalho em casa, até porque isso, digamos que iria poupar alguns recursos à Marinha, porque não iria gastar nem luz, nem papel, nem teria que ser comprado um computador, nem o módulo de sons, nem o material todo inerente, portanto, ao desenvolvimento desse trabalho.”

(*Ibid.*)

Salgueiro explica ter redigido um documento onde dava o seu parecer sobre os benefícios que poderia trazer à Banda com o seu trabalho enquanto compositor residente: relação com entidades locais e comunidades, aproximação por parte da Marinha às raízes musicais e culturais de determinadas localidades e também a aproximação a conteúdos da coetaneidade artística; inclusive, ir ao encontro de necessidades protocolares (*Ibid.*). Jorge Salgueiro considera que “poderia ajudar a Banda, nomeadamente na valorização do seu património histórico e humano”, pois, a seu ver, “a História da Banda da Armada é [...] riquíssima”, engrandecendo todos os que por ela têm passado (*Ibid.*). O Comandante Pereira menciona o referido documento, o qual analisou e apresentou superiormente, tendo o mesmo sido aceite pelo Gabinete do Chefe do Estado-Maior da Armada, e considera: “pena, se calhar, que tenhamos perdido um bocadinho dum bom trompetista, mas ganhámos um grande compositor” (entr. Pereira 2013).

A transição do cargo de executante em trompete para o cargo de compositor residente efetuou-se, diz-nos Salgueiro, no mês de janeiro de 2000, tendo sido a partir desse momento que deixou de tocar trompete na Banda e passou a trabalhar para a mesma exclusivamente na composição, pois anteriormente o seu trabalho composicional para a instituição baseava-se apenas em “respostas [...] pontuais a determinadas necessidades” (entr. Salgueiro 2013).

A respeito da criação do cargo de compositor residente na Banda da Armada, o Comandante Ribeiro considera, no contexto das bandas congéneres (militares), que a Banda em questão não só foi pioneira como também continua a ser a única que possui tal cargo (Ribeiro 2013). Salienta a dedicação do compositor ao trabalho e menciona o facto de Jorge Salgueiro contribuir para a Banda da Armada no intuito desta poder estreitar obras inéditas, as quais eram igualmente exclusivas para a mesma durante um determinado período de tempo, mediante um “acordo de cavalheiros, fundamentalmente”, entre o Chefe

da Banda e o compositor (*Ibid.*). Salgueiro explica que o repertório era composto em “função das necessidades”, sendo que nos concertos mais importantes, tais como o do Dia da Marinha e das Jornadas do Mar, “a Banda devia estrear obras”, associadas, sempre que possível, ao contexto dos eventos, bem como ao Mar e à Marinha (entr. Salgueiro 2013). O Comandante Pereira dá o exemplo de Salgueiro ter feito o arranjo de um tema durante uma noite para a Banda tocar na cerimónia de receção à chegada de um navio brasileiro no dia seguinte, Cisne Branco de seu nome (entr. Pereira 2013). Tal performance pela Banda enquadra-se nas suas funções relativas ao protocolo militar.

O Sargento-Mor Menino refere que a chefia começou a aproveitar as capacidades composicionais de Salgueiro no intuito de criar concertos temáticos, bem como para a criação de arranjos para determinados locais onde se fosse tocar; considera que

“houve uma altura da Banda em que em quase todos os concertos a Banda executava uma obra do Jorge Salgueiro, por razões óbvias - em primeiro lugar porque era uma obra de um compositor português, ainda para mais um compositor português de valor, e para além de ser de valor ainda pertencia aos Quadros da Banda, [...] às vezes não é fácil arranjar-se obras portuguesas, especialmente [...] originais para banda [...], e antigamente ainda pior, com a qualidade necessária para uma banda do tipo da Banda da Armada.” (entr. Menino 2013)

A respeito da criação do cargo, o Tenente Délio considera a importância de três fatores:

“a necessidade de a Banda ter programas mais adequados àquilo que era – que era e que é – a sua estrutura sinfónica. Muitas vezes não era fácil – nem é fácil, [...] ainda – arranjar ou ter programa adequado ou original para um agrupamento como o nosso, e que seja programa, [...] por um lado, aliciante para quem ouve e, simultaneamente, para os profissionais que o executam” (entr. Gonçalves 2013);

menção a grande lacuna de repertório original de compositores portugueses, havendo a

“necessidade de ter repertório português de qualidade”¹¹; considera, por fim, o culminar da situação “com a própria transformação intelectual de um dos elementos” da Banda, naquela altura Jorge Salgueiro, mencionando o seu aliciamento pela composição e desenvolvimento do seu trabalho (*Ibid.*). Explica-nos também que a chefia de então considerou o facto de ter alguém a compor ou a fazer arranjos não mais “algo circunstancial”, mas sim “uma necessidade” (*Ibid.*).

O atual Chefe da Banda defende que o facto de se ter um compositor profissional implica um diferente nível de produção, pois o seu trabalho composicional não é mais esporádico, passando a ser um recurso interno ao compor para a própria Banda (*Ibid.*). O Tenente Délio dá o exemplo de um jovem elemento atual da Banda, Samuel Pascoal:

“O Samuel [...] não é um compositor residente, mas é, de facto, [...] a pessoa que temos aqui na Banda que pode vir a ocupar esse cargo, e que tem vindo a crescer, [...] e eu, a espaços, sempre que a Banda tem necessidade, proporciono-lhe duas coisas: por um lado, a necessidade da Banda, [...] e depois confio-lhe também o tempo para ele poder produzir a sua ideia, porque eu acho que um compositor – [...] claro, gostará de desenvolver trabalho nas mais diversas áreas, de fazer arranjos, [...] – mas acho que gosta e prefere, fundamentalmente, fazer a sua obra e deixar a sua obra.”

(*Ibid.*)

Em relação à referida situação, o Tenente Délio assume-a como “um processo duma relação de confiança” entre Chefe e compositor, havendo que ter em conta a questão da calendarização do trabalho e também a liberdade para a criação (*Ibid.*).

¹¹ Subentende-se o enquadramento do seu parecer no contexto de música portuguesa para Banda Sinfónica/Orquestra de Sopros.

2.3 – Parcerias com instituições artísticas civis

Diz-nos Salgueiro que, enquanto compositor residente da Banda da Armada, sempre se esforçou no intuito de promover um “relacionamento com outras instituições artísticas”, considerando-o um caminho de abrir portas e janelas no sentido da “consciência dos movimentos artísticos com as outras artes” (entr. Salgueiro 2013). O Tenente Délio salienta o contributo de Jorge Salgueiro a nível composicional e organizacional face a diversas parcerias, tendo o próprio compositor servido de estímulo, pelo que muitas vezes as oportunidades para que tais eventos ocorressem chegavam à Banda através da sua pessoa (entr. Gonçalves 2013). Salgueiro lembra as parcerias com o Coral Infantil de Setúbal, com o Teatro O Bando, e o caso que ocorrera previamente com a Orquestra Metropolitana (entr. Salgueiro 2013). Também a atuação da Banda da Armada com o grupo timorense Taci Feto, Taci Mane – segundo os registos dos seus concertos, ocorrida a 18 de março de 2005 nas instalações da antiga Cordoaria Nacional (RPC-BA UN 1995-2013) – teve composições de Jorge Salgueiro específicas para o evento, como recorda o Comandante Pereira (entr. Pereira 2013).

O Comandante Ribeiro salienta a vontade de Jorge Salgueiro tentar desenvolver parcerias e refere que

“o *Projeto Tartaruga* e o projeto da *Ópera Saga* [ambos desenvolvidos entre a Banda da Armada e o Teatro O Bando] aparecem no mesmo momento. [...] O nosso projeto foi a *Tartaruga*, [...] em que eles participavam. E depois, o projeto deles era a *Ópera Saga*, em que nós participávamos. [...] como a história do *Projeto Tartaruga* envolvia crianças [...], era necessário um coro infantil” (entr. Ribeiro 2013);

explica-nos o Comandante Ribeiro que Jorge Salgueiro fora maestro do Coral Infantil de Setúbal, cujo maestro atual é o Sargento Nuno Batalha, também membro da Banda da Armada, o que facilitou o consenso entre as instituições (*Ibid.*).

Segundo os registos de concertos da Banda da Armada, o *Projeto Tartaruga* foi estreado na sua versão integral no concerto de gala do Dia da Marinha de 2007, no Teatro

Micaelense de Ponta Delgada, nos Açores (RPC-BA EXT 1999-2013)¹², se bem que o coro infantil a atuar tenha sido, não o de Setúbal, mas o do conservatório local¹³. Em 2008, os registos atestam a atuação conjunta da Banda com a Orquestra de Bandolins do Funchal no Centro de Congressos do Casino Park (Funchal, Madeira), por ocasião do Concerto Oficial do Dia da Marinha de 2008, onde se executou também repertório de Jorge Salgueiro (RPC-BA EXT 1999-2013). Saliente-se, igualmente em 2008, como os registos fazem referência, a realização de quinze performances da *Ópera Saga* pela Banda da Armada e o Teatro O Bando (RPC-BA EXT 1999-2013), as quais ocorreram no Mosteiro dos Jerónimos (Pereira 2010, 110), em Lisboa.

Ao longo do período em que Jorge Salgueiro compôs para a Banda, foi recorrente a performance da mesma com artistas convidados, quer fossem grupos, ou mesmo solistas, conforme o contexto dos eventos – o que, ainda hoje, continua a acontecer com frequência, seja com repertório de Salgueiro, de Samuel Pascoal ou de outros compositores, portugueses ou estrangeiros.

Jorge Salgueiro, a propósito das parcerias que o próprio ajudou a desenvolver, lembra: “várias instituições [...], com a Banda, construíram objetos artísticos” impossíveis de se fazer “se fosse só a Banda” (entr. Salgueiro 2013).

2.4 – A temática do Mar

O Comandante Pereira considera que a temática do Mar presente nas composições musicais de Jorge Salgueiro partia não só da Banda da Armada, mas também do próprio compositor (entr. Pereira 2013). Tendo sido o referido Chefe a fazer a proposta da composição intitulada *Abertura para o Gil*, esta tornou-se a primeira obra composta para a Banda aludindo a questões marítimas, dada a sua relação para com a Expo 98 (*Ibid.*) – o subcapítulo 3.2.1 – “*Abertura para o Gil*, Opus 63, nº2, de Jorge Salgueiro” apresenta o parecer do compositor relativo à temática dessa obra. O Comandante Pereira considera também o enaltecimento dos valores da Marinha mediante o repertório do compositor

¹² RPC-BA EXT 1999-2013 – Registo de programas dos concertos realizados pela Banda da Armada no exterior (meio civil), de 24/07/1999 a 19/01/2013.

¹³ Informação facultada pelo Tenente Délio numa conversa informal posterior à respetiva entrevista.

residente, referindo os concertos das Jornadas do Mar (*Ibid.*). Como lembra, a obra *De Profundis* foi escrita propositadamente para um desses concertos (*Ibid.*) – os registos de programas dos concertos pela Banda da Armada atestam a referida performance em 2002, na Escola Naval (RPC-BA UN 1995-2013). *De Profundis*, como se verá no subcapítulo 3.2.2 – “*Sinfonia nº 2 ‘Mare Nostrum’*, Opus 124, de Jorge Salgueiro”, veio a integrar a posteriori a referida sinfonia como terceiro andamento da mesma.

O Comandante Ribeiro salienta o facto de a Banda da Armada “projetar sempre o Mar”, considerando-o “algo que inspira”, “arreigado mais ou menos em todo o povo português”, e refere que tocar repertório de Jorge Salgueiro alusivo ao Mar “tem a ver também com o sentido de chegar às pessoas” (entr. Ribeiro 2013). Acerca do *Projeto Tartaruga*, também relativo à referida temática, explica que

“a intenção inicial do *Projeto Tartaruga* [...] era fazer-se com um coro infantil e com o ator, mas depois, no futuro, [...] era fazer-se isso nas escolas: combinar-se com os professores, os professores ensaiavam os miúdos [...] e aquilo que fazia o coro infantil aqui, era feito [...] pelos alunos da escola, [...] integrando-se no grupo. [...] o fundamento da parceria tinha a ver com a interação da Banda com as escolas e [...] promover a vinda para a Marinha de elementos da escola, desses jovens que andavam a estudar.” (*Ibid.*)

Jorge Salgueiro considera que, além de partir de ambos (do próprio e da Banda da Armada) e das necessidades de então, a temática do Mar nas suas composições prende-se inclusive com a ligação da tradição portuguesa a nível histórico e geográfico ao Mar (entr. Salgueiro 2013). Refere:

“da minha janela estamos a ver a foz do Tejo – portanto, o Mar é já ali –, e há bocadinho acabámos de ver, do outro lado da Serra, a foz do Sado – e o Mar é ali –, o oceano Atlântico está aqui. Portugal tem uma área marítima gigantesca, o peso que o Mar tem na História de Portugal é colossal, [...] O Mar é algo de estruturante em todos nós.” (*Ibid.*)

O compositor considera que, no panorama musical português, há escassez de referências ao Mar, por oposição ao repertório musical inglês, no qual faz notar a existência de muitas obras a ele alusivas – embora a importância do Mar na cultura portuguesa não seja, segundo o seu parecer, inferior à que tem para com a cultura inglesa (*Ibid.*). Salgueiro achou que, enquanto compositor residente na Banda da Armada, “tinha obrigação de constituir património nesse sentido”; dá o exemplo da sua sinfonia *Mare Nostrum*, na qual refere ter incluído toques da Armada com vista a salientar a sua tradição, simbologia e iconografia no intuito de enriquecer o património dessa instituição (*Ibid.*).

O Tenente Délio partilha igualmente da ideia de que a temática do Mar no repertório de Jorge Salgueiro partiu do compositor e da Banda da Armada de modo conjunto (entr. Gonçalves 2013). Diz-nos que educar e sensibilizar a sociedade civil para o Mar, interagir com ela, é um princípio da política e cultura navais, e a Banda é um dos meios para alcançar esse fim, sendo que, “quase como que inevitável, algo nos nossos concertos está ligado à temática do Mar”; considera também o Mar enquanto elemento cativante para a exploração composicional e destaca a relação que temos para com o mesmo enquanto povo, encontrando-se os militares da Armada “ligados ao Mar intrinsecamente”, daí que a relação do repertório de Salgueiro enquanto compositor residente na Banda da Armada e o Mar tenha sido natural e inevitável (*Ibid.*).

2.5 – A orientação artística do compositor

Jorge Salgueiro considerou, pela altura em que delineou os objetivos a propor à Marinha caso viesse a tornar-se compositor residente da Banda da Armada, que a mesma, não obstante estar, a seu ver, por vezes “atualizada musicalmente”, assemelhava-se a “um gueto” do ponto de vista artístico (entr. Salgueiro 2013). Salienta que

“a arte só é possível com a interdisciplinaridade, quer dizer, a relação entre as correntes artísticas que vão afetando as várias disciplinas artísticas, desde a pintura, à literatura, o teatro, a música, a dança, a arquitetura, [...] a moda... são tudo expressões artísticas que eu achava que a Banda devia

refletir... não era refletir diretamente no seu trabalho, mas o seu trabalho deveria refletir consciência sobre aquilo que se passa no mundo das artes.”

(*Ibid.*)

O compositor compara posteriormente o seu papel do ponto de vista artístico entre a Banda da Armada e o Teatro O Bando, com o qual trabalha desde 2000, explicando:

“na Banda da Armada, eu sou a charneira, eu sou o que tenta abrir portas, a minha presença é um estímulo à alteração do instituído, à procura de uma nova resposta artística; no Bando é ao contrário: [...] é um coletivo de criativos – um encenador, um cenógrafo, uma figurinista, um dramaturgo... –, todos eles trabalham na charneira [...], muitas vezes sou posto perante dados artísticos que estão ainda mais à frente do que o meu pensamento [...]” (*Ibid.*)

Ao longo do trabalho que a Banda da Armada tem vindo a realizar nas suas parcerias interpretando composições de Salgueiro, acima de tudo com o seu envolvimento direto nas mesmas, houve mutualmente, portanto, uma complementaridade e enriquecimento artísticos.

O Comandante Ribeiro considera as obras de Salgueiro “vanguardistas”¹⁴ (entr. Ribeiro 2013). No que diz respeito ao processo de fazer transcrições para a Banda (tendo o compositor feito algumas para a mesma a pedido do Chefe Pereira), percebeu em Salgueiro a opinião de que tal trabalho não deveria ser atribuído a um compositor, pois o seu interesse direcionava-se mais no sentido do processo criativo (*Ibid.*).

Também o Tenente Délio realça o seu papel enquanto compositor, considerando que Jorge Salgueiro deu um passo importante no sentido de estimular e cativar não só o intérprete, mas também o ouvinte – facto que entende ter vindo por vezes a ser descurado por alguns compositores – e refere o seu reconhecimento enquanto compositor nos dias de hoje (entr. Gonçalves 2013).

¹⁴ O uso do termo “vanguardistas” deve ser aqui enquadrado no contexto do repertório tradicionalmente interpretado pela Banda.

2.6 – As diferentes fases de Jorge Salgueiro como compositor residente na Banda da Armada

Jorge Salgueiro explica que, inicialmente, o seu trabalho na qualidade de compositor residente era, todo ele, definido pelo Chefe da Banda, na altura o Comandante Pereira, dando o exemplo da obra *Innuendo* (entr. Salgueiro 2013). Diz-nos o referido Chefe que tal ideia nascera do seu filho, a eventualidade de o tema em questão, do grupo Queen, poder ser tocado pela Banda da Armada (entr. Pereira 2013). Tal obra veio a ser estreada no então chamado Cine-Teatro Virgínia, em Torres Novas, no ano de 2001, segundo os registos de programas dos concertos da Banda (RPC-BA EXT 1999-2013). Também o arranjo *Marchas Célebres*, como confessa o Comandante Pereira, foi por si sugerido a propósito da inauguração do Auditório da Faculdade de Medicina Dentária (entr. Pereira 2013) – concerto igualmente ocorrido, como atestam os registos, em 2001, na Cidade Universitária em Lisboa (RPC-BA EXT 1999-2013). Por outro lado, já a *Sinfonia nº 2 “Mare Nostrum”* partiu do próprio compositor (entr. Pereira 2013).

Salgueiro refere que, passado algum tempo ter-se tornado compositor residente, a relação de confiança entre chefe e compositor começou a desenvolver-se, promovendo uma “parceria muito ligada” com o Comandante Pereira, pois conversavam recorrentemente acerca do trabalho da Banda e do seu repertório (entr. Salgueiro 2013). O Comandante Ribeiro realça o auxílio de Jorge Salgueiro aquando da sua chefia, dando o exemplo do *Tattoo* que a Banda realizou no Festival de Bremen¹⁵, com música original do seu compositor (entr. Ribeiro 2013).

Jorge Salgueiro diferencia a sua relação para com a Banda consoante as duas chefias: o Comandante Pereira proporcionava-lhe a possibilidade de dar sugestões e fazer correções nos próprios ensaios, o que sente nem sempre ter sido “pacífico” por parte de alguns elementos da Banda; já com o Comandante Ribeiro, refere que a metodologia se diferenciou, considerando que o mesmo possuía uma “perspetiva muito mais hierárquica militarmente falando”, “por questões de liderança militar”, pelo que deixou de haver sugestões do compositor durante os ensaios (entr. Salgueiro 2013).

Salgueiro entende que a sua função enquanto compositor nas diversas instituições por que tem passado – excetuando o Teatro O Bando, onde afirma continuar a ser

¹⁵ Do referido festival de bandas militares na Alemanha resultou o já mencionado disco (no capítulo 1 – “Contextualização”) *Musikschau Der Nationen 2008*.

“desafiado” e “surpreendido” – tem sido de “charneira” (*Ibid.*). Referindo o caso da sua passagem pela Banda da Armada na qualidade de compositor residente, revela a existência de três fases no que diz respeito ao seu trabalho:

“numa primeira fase, digamos que vou completamente ao encontro daquilo que são as expetativas das pessoas, daquilo que as pessoas querem que eu faça, e depois disso estar cumprido – digamos, passado um ano ou dois – – nós começamos a caminhar juntos, [...] num terceiro momento, a tendência que existe é de eu me constituir charneira em relação ao pensamento artístico dessas instituições, e, das duas uma: ou a instituição acompanha, [...] ou não acompanham de todo.” (*Ibid.*)

Salgueiro dá o exemplo da sua última ópera composta no âmbito do seu trabalho na Madeira (para o Gabinete Coordenador de Educação Artística), intitulada *O Salto*, com a qual esperava que a instituição desse o “salto estético” em vez de se manter ligada à tradição do ponto de vista artístico, o que, a seu ver, acabou por não acontecer, pois “as pessoas acharam que tinha ido longe demais”, o que não se coadunava com o seu ideal de caminhar “esteticamente em frente”; o compositor refere tal caso para estabelecer uma analogia com o que considera ter-se passado na Banda da Armada (*Ibid.*). Já aquando da chefia do Comandante Ribeiro, a Banda estreou uma obra da autoria de Jorge Salgueiro intitulada *Time Machine* – os registos de programas dos concertos da Banda atestam a única interpretação da mesma no Concerto Oficial do Dia da Marinha em 2009, no Centro Cultural e de Congressos de Aveiro (RPC-BA EXT 1999-2013). Salgueiro refere que, nesse momento, a “corda artística, estética” se havia partido: lembra os aplausos apenas circunstanciais, a indiferença ou desgosto que sentiu por parte da plateia, considerando a “cristalização” do momento num comentário em jeito de “graçola” por parte de um elemento militar de alta patente na situação de reserva – que mandava prendê-lo se estivesse no ativo – dito a que o próprio compositor não nega uma “certa piada” (entr. Salgueiro 2013). Como consequência, refere que “o Comandante Ribeiro [...] achou que tínhamos que voltar para trás, e digamos que reconstituir o caminho do sucesso, o que não tem nada a ver com o interesse artístico”; o compositor sentiu que, artisticamente, teria que “constituir uma qualquer rutura”, a qual confessa ter acabado por materializar-se na sua

saída (*Ibid.*), no ano de 2010. Acerca da performance de *Time Machine*, o Comandante Ribeiro lembra “alguns dissabores” que teve, a expressão “aquela dos telemóveis” que ouvira na altura (entr. Ribeiro 2013) – a obra incluía a utilização de metrónomos. Salienta: “eu defendi-a sempre”, considerando a necessidade de inovar e evoluir, embora frequentemente tal só se entenda muito mais tarde (*Ibid.*). O Comandante Ribeiro lembra também o “*suspense*” que sentiu aquando da estreia da obra *Primavera*, a qual acabou por proporcionar uma boa reação por parte do público (*Ibid.*) – *Primavera* foi composta especificamente por Salgueiro para o evento onde foi estreada (entr. Gonçalves 2013), na Festa da Primavera do Centro Cultural de Belém, em Lisboa, no ano de 2006, como atestam os registos (RPC-BA EXT 1999-2013). No caso de *Time Machine*, o Comandante Ribeiro sentiu, todavia, a “relutância” por parte dos ouvintes (entr. Ribeiro 2013). Tratando-se, por um lado, de duas obras distintas, por outro, a diferente natureza do público pode ter sido um fator condicionante, visto que a obra *Time Machine* foi tocada num concerto apenas destinado a alguns militares da Marinha e convidados, ao passo que a *Primavera* fora apresentada num concerto público, proporcionando este caso uma maior heterogeneidade de opiniões.

O Comandante Pereira salienta o seu esforço no sentido de ter reconhecido Jorge Salgueiro, deixando em aberto se a Marinha o terá reconhecido “na totalidade” (entr. Pereira 2013). Também o Comandante Ribeiro confessa o prazer que teve pelo facto de Salgueiro ser um “elemento-chave” na Banda que ajudou imenso os chefes na resolução de várias situações, lembrando as palavras do compositor aquando da sua passagem à reserva no sentido de se manter disponível para a Banda e respetiva chefia (entr. Ribeiro 2013).

2.7 – Banda da Armada e Jorge Salgueiro: influências

Ao longo do período em que Salgueiro compôs para a Banda da Armada ambos terão exercido influências um no outro. Os pareceres dos entrevistados não são unânimes em todos os aspetos, mas há claramente pontos de concordância. Comece-se por referir que, segundo o Comandante Pereira, ainda que Salgueiro não tenha condicionado os hábitos da Banda ou o seu repertório, este acabou por ser enriquecido com as suas

composições (entr. Pereira 2013). Tenente Délio considera igualmente que não houve um condicionamento, pois a Banda nunca abdicou de outro repertório ou compositores pelo facto de se interpretar obras do seu compositor residente; apesar de tocar repertório da sua autoria, “a Banda, sempre que se projeta, projeta-se a si no seu todo, com tudo aquilo que tem” (entr. Gonçalves 2013). Em termos de identidade, defende também que os alicerces culturais da Banda já existiam antes, referindo o Chefe da Banda Marcos Romão como seu “pilar”, “considerado uma pessoa à frente do seu tempo”, que se dedicava à composição para instrumentos de sopro (*Ibid.*). Segundo o Sargento Menino, ainda que Salgueiro não tenha condicionado a identidade musical da Banda, acabou por criar uma identidade, visto que as suas obras eram facilmente identificáveis, possuindo “sempre algo de comum”, não obstante a existência de diferentes “etapas” em termos composicionais (entr. Menino 2013). Por outro lado, o Comandante Ribeiro defende ter havido não só um condicionamento no repertório e hábitos da Banda como também uma influência na identidade da mesma (entr. Ribeiro 2013). No que diz respeito ao condicionamento, lembra a utilização das suas obras em concerto e a “projeção no exterior”, a par da construção de um caminho mais orientado para a “música contemporânea” e as composições específicas para banda, por oposição a transcrições de música orquestral, quando em comparação com as restantes bandas; a propósito da influência na identidade da Banda, menciona que o compositor abriu “horizontes”, principalmente na geração mais jovem da Banda, contribuindo para uma maior facilidade, nos dias de hoje, em montar-se repertório atual no agrupamento (*Ibid.*).

Jorge Salgueiro nega o seu condicionamento, mas assume a sua influência, referindo que procurava atentar não só na música como também em tudo o que a envolvesse (entr. Salgueiro 2013). Refere também: “procurei que os músicos tivessem uma consciência diferente da sua função como artistas”, importando esse facto, a seu ver, “para a própria visão estética que as pessoas passaram a ter da Banda” (*Ibid.*). Salgueiro considera que a Banda da Armada, no contexto das bandas profissionais (servindo as bandas militares de referência às bandas amadoras), começou a distinguir-se, não propriamente pelo facto de interpretar obras de compositores contemporâneos – visto que, segundo o próprio, o repertório de orquestra começara a deixar de ser tocado na década de 80 – mas pela sua atitude “mais artística”, “nova”, de “charneira”, considerando o compositor que tal se verificou:

“não só a nível das músicas que tocava – e obviamente que os meus originais tiveram também influência nisso – mas essencialmente na postura artística que a Banda passou a ter. E a Banda passou a ser uma referência artística no país em vez de estar em segundo lugar [...]” (*Ibid.*)

Não só o Comandante Ribeiro como o compositor Salgueiro estabelecem comparações entre a Banda da Armada e a Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana aquando da apresentação dos seus argumentos (entr. Ribeiro e entr. Salgueiro 2013).

Salgueiro considera ter havido “uma alteração”, mas salienta que se tratou de um “trabalho de conjunto”, só possível devido à convergência e cooperação por parte da chefia, da Banda, da instituição e de si próprio (entr. Salgueiro 2013). Quando abordado na entrevista acerca de se tocar ainda repertório seu na Banda, julga ser algo natural, defendendo que a Banda da Armada devia tocar ainda mais repertório de antigos compositores que por ela tenham passado, visto que “a questão cultural é uma questão de identidade” (*Ibid.*). Refere também:

“Acontece que muitas vezes a identidade e iconografia fica-se pela farda, e a Banda tem uma História de tal forma rica que as pessoas que fizeram parte dessa História são o património da Banda, e são a sua identidade, [...] se a instituição é o que é hoje, é porque teve aquelas pessoas.” (*Ibid.*)

Jorge Salgueiro explica que os compositores de outrora – independentemente de não terem sido compositores residentes –, mediante a “sua escrita, de uma forma ou de outra, refletem aquilo que era a própria Banda na altura” (*Ibid.*). Refere:

“Aquilo que o Fortunato de Sousa escreveu para a Banda é um reflexo das capacidades técnicas e da organologia da constituição da própria Banda [...], aquela obra reflete o pensamento da Banda naquela altura, a estrutura da Banda, [...], as capacidades técnicas [...], o gosto musical, a estética artística, [...] cada uma dessas obras são documentos, são fotografias, são factos que contribuem para a valorização daquilo que é a Banda da Armada [...]” (*Ibid.*).

Diz-nos Salgueiro que a Banda é a sua “casa”, tendo prazer em saber que o seu repertório é tocado; considera, todavia, que o agrupamento devia tocar mais repertório composto para a mesma¹⁶ “de forma estruturada” como “projeto de construção” específico a quem intervém e ao momento – o próprio refere ter procedido ao levantamento de obras de compositores da Banda da Armada no intuito das mesmas poderem ir sendo tocadas (*Ibid.*).

Após a consulta dos registos acessíveis de programas dos concertos da Banda da Armada (RPC-BA UN 1967-94¹⁷, RPC-BA UN 1995-2013, RPC-BA EXT 1989-99 e RPC-BA EXT 1999-2013), considerou-se a ocorrência da performance de cerca de cinquenta obras de Salgueiro até ao final de 2012, (superando as interpretações de algumas delas o quantitativo da dezena), o que não quer dizer que o número de composições a ser tocadas não tenha sido superior ao constatado, pois nem sempre o processo de registo foi sistemático. Tendo em conta a consulta do catálogo respeitante ao repertório existente no arquivo da Banda (CAM-BA¹⁸) e de listas de obras gentilmente cedidas por Salgueiro respeitantes à sua atividade enquanto compositor residente na instituição (OR-FC BA¹⁹), considere-se, de grosso modo, a existência de mais de oitenta obras musicais do próprio, maioritariamente destinadas à Banda da Armada²⁰. Atualmente o agrupamento continua a tocar obras de Salgueiro. Apesar de não considerar, como já foi dito atrás, um condicionamento à Banda, o Tenente Délio explica que o repertório criado por Salgueiro na qualidade de compositor residente “é pessoal”, exclusivo à Banda e proporciona não só a cativação do público como também uma diferenciação face a outras bandas (entr. Gonçalves 2013). Considera também que o facto de se continuar a usar o seu repertório se deve a questões estilísticas, aspetos temáticos e também pedagógicos (*Ibid.*). A propósito

¹⁶ Deduz-se que dos compositores inerentes ao agrupamento.

¹⁷ RPC-BA UN 1967-94 – Registo de programas dos concertos realizados pela Banda da Armada nas unidades militares, de 31/05/1967 a 22/12/1994.

¹⁸ CAM-BA – Catálogo do arquivo musical da Banda da Armada.

¹⁹ OR-FC BA – Obras realizadas no desempenho das funções de compositor ao serviço da Banda da Armada Portuguesa, de 2000 a 2005 (listas gentilmente cedidas por Jorge Salgueiro).

²⁰ A generalização desta afirmação deve-se aos seguintes fatores: a catalogação do repertório existente na Banda carece, por vezes, da identificação sistemática do compositor e ou arranjador de algumas obras, pelo que algumas informações tiveram de ser confirmadas com o compositor Salgueiro ou com o pessoal responsável pelo arquivo a que o catálogo diz respeito; nem todo o repertório composto por Salgueiro que se encontra referido no catálogo foi composto para o agrupamento em causa; as listas facultadas pelo compositor só dizem respeito aos primeiros seis anos do período em que exerceu as funções de compositor residente na Banda da Armada.

deste último aspeto, o Sargento Menino dá o exemplo do *Projeto Tartaruga*, obra que entende ser adequada à realização de audições pedagógicas (entr. Menino 2013).

Para além de se falar do que Jorge Salgueiro trouxe à Banda da Armada, torna-se também importante referir o que a Banda proporcionou ao compositor. O Comandante Ribeiro realça a dificuldade que normalmente um compositor em início de carreira tem em conseguir dispor de um agrupamento musical que interprete as suas composições, pelo que a Banda da Armada foi uma oportunidade de Salgueiro poder ouvir o produto do seu trabalho, promovendo-lhe um maior entusiasmo (entr. Ribeiro 2013). O próprio compositor salienta que

“tinha a oportunidade de falar diretamente com os músicos nos ensaios, e isso é muito importante, porque, muitas vezes, o compositor não tem a oportunidade de passar um testemunho do pensamento [...] que está por detrás da obra [...]” (entr. Salgueiro 2013).

Julga ter sido uma fase proveitosa para a Banda e para si, e explica que “tinha acesso direto” a eventuais problemas provenientes da sua escrita, considerando tal ter sido muito importante para o desenvolvimento do seu trabalho (*Ibid*). Jorge Salgueiro refere ainda que a Banda da Armada contribuiu para a sua afirmação enquanto compositor, bem como a Foco Musical e o Teatro O Bando, considerando:

“[...] são vinte e três anos de trabalho, [...] é digamos que o sustento da minha vivência. Ainda hoje – estou na reserva –, recebo da Marinha, portanto, [...] para além da parte artística, que é muito importante, há uma parte estruturante que tem a ver com a Banda da Armada [...]” (*Ibid*).

Como Salgueiro menciona, a partir de 1987, ano do seu ingresso na Marinha, a Banda da Armada “marca absolutamente” o seu percurso com uma grande influência em termos vivenciais, passando a exercer as funções de compositor residente a partir de 2000 (*Ibid*).

3 – Concerto pela Banda da Armada no Teatro Virgínia

O redator deste documento é músico da Banda da Armada desde 2004, tendo vindo a exercer nesse agrupamento até aos dias de hoje as funções de clarinetista e pianista. No contexto dos seus estudos em Direção de Orquestra de Sopros, o mestrando em causa procurou desde cedo abordar uma problemática para o seu projeto de final de curso que estivesse direta ou indiretamente relacionada com o seu local de trabalho, de modo a produzir novos conhecimentos não só acerca da Banda da Armada mas também sobre música escrita para a mesma, a par de uma perspetiva de aprendizagem e consolidação de conhecimentos face ao domínio da Direção de Orquestra de Sopros. Ao longo do primeiro ano letivo, foi assim ganhando consistência a ideia de concretizar um concerto que espelhasse, de algum modo, a importância de Jorge Salgueiro como compositor residente na referida instituição. Após a obtenção da devida autorização superior para o ato de dirigir a Banda da Armada – visto que, normalmente, a direção de uma banda militar reserva-se a elementos da sua chefia – e os necessários ensaios para preparação do respetivo repertório, deu-se a performance de um concerto pela Banda da Armada sob a direção de Bruno Lopes, concerto esse que constituiu o projeto de mestrado ao qual este documento serve de apoio.

3.1 – Enquadramento do concerto

O mestrando dirigiu a Banda da Armada em concerto no Teatro Virgínia, em Torres Novas, no dia 19 de janeiro de 2013 (com início às 21:30h), por ocasião das comemorações do vigésimo aniversário da oficialização do Conservatório de Música do Choral Phydellius. Com este concerto, a entidade aniversariante inaugurou um ciclo de bandas militares nessa cidade (cf. Anexo A). A promoção do evento em Torres Novas justifica-se, em parte, pelo facto de Bruno Lopes ser um ex-aluno do referido conservatório, pelo qual nutre, naturalmente, uma relação de reconhecimento pela aprendizagem prévia que o mesmo lhe proporcionou. Curiosamente, o mestrando assistiu pela primeira vez a um concerto pela Banda da Armada nessa mesma localidade, a 22 de março de 2001, inclusive no mesmo Teatro, sendo digno de nota o facto de a peça

Innuendo ter sido estreada nesse mesmo concerto, segundo as informações que constam nos registos de concertos efetuados pela Banda da Armada (RPC-BA EXT 1999-2013). No âmbito do concerto dirigido pelo mestrando, convidou-se dois músicos para atuar com a Banda: um pianista, Filipe Pereira – dado que havia necessidade das partes de teclado serem interpretadas e o elemento habitual do agrupamento (este que escreve) não poderia acumular as funções de instrumentista e maestro – e a soprano Sara Laureano, a fim de cantar a solo aquando da interpretação da *Sinfonia nº 2 “Mare Nostrum”*.

O concerto teve a duração aproximada de duas horas e decorreu com a sala do Teatro lotada, correspondendo à existência de cerca de seiscentas pessoas na assistência – soube-se posteriormente que muitas outras pessoas não haviam conseguido obter bilhete. É de salientar que o dia em causa foi uma data a assinalar a nível nacional pela grande intempérie que Portugal viveu, a qual afetou seriamente as condições de acesso ao local, quer por parte do público, quer por parte do próprio agrupamento musical. Ainda assim, o concerto ocorreu em conformidade com o que estava previsto, reconhecendo o mestrando o modo exímio como a Banda da Armada colaborou musical e militarmente para que assim acontecesse. Aos olhos do examinando, o concerto, enquanto projeto de mestrado, atingiu plenamente os objetivos propostos: ser avaliado na sua performance em Direção pelo Júri e dar a conhecer (reconhecer), mormente, composições de Jorge Salgueiro para a Banda da Armada. O próprio compositor Salgueiro esteve presente no concerto, tendo subido ao palco para agradecimentos no final do mesmo.

3.2 – O repertório do concerto

A escolha do repertório a interpretar-se no concerto teve em vista promover a audição de determinadas obras de Salgueiro, fazendo menção não só a peças originalmente compostas pelo próprio para a Banda, mas também a arranjos do mesmo para esse agrupamento, tendo em conta que parte do seu repertório faz alusão à temática do Mar. Após ponderação, decidiu-se fazer um concerto com a duração de cerca de duas horas (considerando também o tempo destinado ao intervalo, as pausas entre as obras e eventuais discursos): apresentar-se quatro obras de Salgueiro e, também, como elementos contrastantes (mas, de algum modo, também complementares), três obras de compositores

estrangeiros. Na primeira parte do concerto tocou-se exclusivamente repertório da autoria de Jorge Salgueiro: *Abertura para o Gil*, seguida da *Sinfonia nº 2 “Mare Nostrum”*. Após intervalo, a Banda da Armada continuou o seu concerto interpretando *Sabic Symphonic March*, da autoria de Bert Appermont, *Procession to Calvary*, do compositor Kevin Houben, e *Three Spectacles for Navy Blue*, de Eiji Suzuki. Seguidamente, retomou o repertório de Jorge Salgueiro, tocando o seu arranjo *Innuendo*, da autoria do grupo Queen (cf. Anexo B) e, ainda, como extraprograma, um arranjo de Salgueiro baseado em diversas marchas, intitulado *Marchas Célebres*²¹. A Banda da Armada terminou o concerto, como é costume, interpretando a *Marcha dos Marinheiros* (também como extraprograma) – cuja música é de Carlos Calderon, o texto de Matos Sequeira e Pereira Coelho, e o arranjo de F. de Sousa (Pereira 2010, 150). Atentar-se-á de seguida em cada uma das obras particularmente.

3.2.1 – *Abertura para o Gil*, Opus 63, nº 2, de Jorge Salgueiro

De acordo com as informações que o compositor Jorge Salgueiro faculta na sua edição da partitura de *Abertura para o Gil*,

“A ‘Abertura para o Gil’ foi escrita no Verão de 1997, a pretexto da Exposição Mundial de 1998 em Lisboa (Expo 98). Tendo a Exposição como tema ‘Os Oceanos’, foi o autor buscar inspiração ao Gil, mascote do evento. Assim, para tema desta obra retirou o aspecto infantil do boneco, assim como o carácter majestoso do evento. Durante o desenvolvimento, a obra procura ainda reflectir o ambiente de aventura marítima vivido pelos navegadores portugueses de 1500, a quem, aliás, Gil foi buscar o seu nome. Se a obra tivesse que contar alguma história, uma delas poderia ser assim: ‘*chegou o alegre Gil, propôs-se enfrentar as tormentas dos mares, e acabou triunfante*’.

O autor realizou duas versões desta obra: uma para orquestra, estreada em Março de 1998, pela *Orquestra Sinfónica Portuguesa* em Lisboa; outra

²¹ Note-se que as obras extraprograma não vêm mencionadas no programa do concerto.

para banda, estreada em Janeiro de 1998 pela Banda da Armada Portuguesa em Palmela²², terra natal do autor.” (Salgueiro 1997)

A Abertura para o Gil teve a duração de cerca de cinco minutos e meio.

3.2.2 – Sinfonia nº 2 “Mare Nostrum”, Opus 124, de Jorge Salgueiro

O compositor Salgueiro refere na sua edição da partitura da *Sinfonia nº 2 “Mare Nostrum”*, entre outras afirmações, o seguinte:

“Tal como na primeira [sinfonia], Jorge Salgueiro parte de uma ideia extra musical para arquitectar a sua segunda sinfonia. Se na primeira vez tinha sido o livro de João Aguiar a inspirar o fresco sinfónico, desta vez foi a epopeia dos navegadores portugueses de 1500 a inspirar o próprio compositor a escrever pequenas histórias para cada um dos andamentos da sua segunda sinfonia. [Há] referências à forma sinfonia e ligações temáticas entre os vários andamentos seguindo as sugestões dos argumentos. Estes dois pontos de partida são unificados pela raiz cíclica, que confere unidade à obra e constitui um ponto de continuidade da tradição sinfónica portuguesa iniciada nas sinfonias de Luís de Freitas Branco e continuada por Joly Braga Santos.” (Salgueiro 2004)

O compositor assume ter-se rodeado “de materiais temáticos alusivos à nossa Marinha servindo-se de temas mais populares como a Marcha dos Marinheiros e aos toques da Armada”, os quais vão soando ao longo da sinfonia, servindo “para construir um itinerário iconográfico relativamente ao próprio texto” e “de material temático que [...] modela e desenvolve”, e usa o Sinal da Armada no primeiro tema apresentado da forma sonata – refere assentar neste a “simbologia e toda a gramática musical do primeiro andamento e que depois retoma no final da obra” (*Ibid.*).

²² Nos registos de programas dos concertos da Banda da Armada a data que consta é a de 28 de novembro de 1997 (RPC-BA EXT 1989-99).

Quanto à execução da obra, Jorge Salgueiro considera a existência não só de sopros e percussão como também de contrabaixos de cordas, uma voz soprano (com vista para a primeira interpretação da sinfonia a participação da soprano Manuela Moniz) e um sintetizador, tendo elaborado uma planta com a distribuição dos diversos naipes pelo palco, visto julgar “importantes os efeitos de estereofonia” (*Ibid.*). A mesma corresponde, de grosso modo, à disposição comum da Banda da Armada aquando da estreia da sinfonia na sua versão integral – segundo os registos de concertos da Banda, a 19 de maio de 2005, na Figueira da Foz (RPC-BA EXT 1999-2013). Note-se que, apesar de ter sido levada em conta a particularidade da espacialização, no concerto dirigido pelo mestrando, por motivos logísticos, a Banda tocou com a sua (nova) disposição habitual. O primeiro andamento teve a particularidade de a soprano cantar fora do palco, no sentido de, segundo a vontade do compositor, criar o “efeito de *lontano*” (Salgueiro 2004).

A sinfonia é composta pelos seguintes andamentos: *Vocatorius*, *Sirenis*, *De Profundis* e *Adventus*. Como Salgueiro refere, no primeiro andamento faz uso da forma sonata de um modo livre; após uma introdução lenta simbolizante do sono do Comandante de um navio, são apresentados dois temas: o primeiro tema, “de carácter masculino, de ritmo vincado”, deriva do Sinal da Armada – a citação do referido material temático é mais evidente aquando do desenvolvimento, sob a forma de fanfarras; o segundo tema, assume-o como “feminino, mais *legato* e menos *marcato*”; explica que a raiz de todo o andamento em causa se encontra no seu desenvolvimento, remontando ao terceiro andamento da sua suite Opus 84, intitulado *O Apelo do Mar*, obra onde refere ter primeiramente tratado o toque da Armada (*Ibid.*). Em *Sirenis*, à semelhança do primeiro andamento, o compositor retrata o sono, agora não do Comandante, mas da guarnição do navio; atribui ao flautim diversos toques, nomeadamente o toque de alvorada, de alarme e de chamada dos oficiais, e retrata musicalmente a ideia do ato de navegar com os trabalhos de bordo a ele inerentes; ouve-se também um tema associado às Sereias, o qual considera que “atravessa toda a obra”; no final do segundo andamento, o compositor descreve uma tempestade que leva ao afundamento do navio (*Ibid.*). No início do terceiro andamento, *De Profundis*, é retratado um ambiente subaquático, o qual é seguido de momentos mais intensos que simbolizam a ressurreição dos navegantes e a emersão da embarcação, bem como a luta dos mesmos pela vida num clima deveras tempestuoso (*Ibid.*). Segue-se, finalmente, o quarto andamento, *Adventus*. Segundo o compositor, na sinfonia:

“podemos observar uma estrutura ABBA, em que os segundo e terceiro andamentos são dominados pelo tema das Sereias e os extremos pelo Sinal da Armada.[...] A soprano canta em latim as palavras que o autor criou para finalizar a obra: *Vem Marinheiro / Chegou ao fim a tua viagem / Cruza agora os teus sonhos com os meus / Respira a paixão que vem na intensa maresia / Abriste as portas para um mundo novo / Abriste as portas para um novo tempo / O tempo da nova harmonia / O tempo do novo conhecimento / O tempo do novo Homem.* [...] *Adventus* é o menos agitado dos quatro andamentos da sinfonia: inicia com a soprano evocando o canto da navegação e após solos de oboé, corne-inglês e flautim surgem o canto do texto com uma variação dos temas do primeiro andamento. [...] durante a obra [o flautim] teve a seu cargo os Toques da Armada e com eles carregou toda a sua carga simbólica e iconográfica.” (*Ibid.*)

A sinfonia teve a duração de cerca de vinte e oito minutos.

3.2.3 – *Sabic Symphonic March*, de Bert Appermont

Segundo as informações que Bert Appermont disponibiliza no seu sítio da web²³, esta obra foi composta para a inauguração da sede holandesa em Sittard da companhia Sabic Europe; o compositor tenta espelhar inovação e perícia, fazendo jus aos ideais da referida empresa, particularmente através de encadeamentos e sequências harmónicas baseados no nome dessa companhia, o que os torna inesperados no contexto musical de uma marcha.

Ainda que não havendo uma relação para com o compositor Jorge Salgueiro ou com a temática da Marinha, optou-se por esta peça (a qual faz parte do repertório atual da Banda da Armada) pelo seu carácter de Abertura, para proceder ao início da segunda parte do concerto dirigido pelo examinando, promovendo assim uma fase de contraste e complemento, juntamente com as duas obras de que se falará adiante.

Sabic Symphonic March teve a duração aproximada de seis minutos.

²³ <http://www.bertappermont.be/en/index.php/sabic-symphonic-march> (consultado a 30/05/2013).

3.2.4 – *Procession to Calvary*, de Kevin Houben

De acordo com as informações que o compositor Kevin Houben apresenta na edição da sua obra *Procession to Calvary (after Pieter Brueghel the Elder)*, a composição foi encomendada pela Koninklijke Harmonie de Peer (Bélgica) e Alex Schillings (respetivo maestro) como tributo ao pintor Pieter Brughel, *o Velho*, que terá vivido nessa localidade (Houben 2009). O compositor refere que a sua obra musical descreve determinadas cenas do quadro homónimo de Brueghel, datado de 1564; explica que a imagem mostra-nos uma pluralidade de situações a acontecer ao mesmo tempo, entre elas Jesus Cristo colapsando enquanto carrega a sua cruz até ao Calvário, crianças a brincar e a lamentação das mulheres confortadas por João, um dos apóstolos; diz o compositor que a presença de uma determinada figura de barba no quadro poderá aludir ao próprio pintor (*Ibid.*). O compositor simboliza as figuras religiosas existentes no quadro mediante a referência ao *Kyrie* do *Requiem* gregoriano (*Missa pro Defunctis*); Jesus Cristo é representado pelo solo taciturno do fagote; refere inclusive que o *leitmotiv* usado ao longo da obra deriva da aplicação musical das letras provenientes do nome do próprio pintor (*Ibid.*).

É de salientar o uso que Kevin Houben faz do material motivico-temático como raiz cíclica, processo que também Jorge Salgueiro aplica, como já foi referido anteriormente, na sua segunda sinfonia.

Procession to Calvary teve a duração aproximada de onze minutos.

3.2.5 – *Three Spectacles for Navy Blue*, de Eiji Suzuki

Segundo Eiji Suzuki afirma na edição da sua composição *Three Spectacles for Navy Blue*, tal obra foi encomendada pela Japan Maritime Self-Defense Force Sasebo Band por ocasião do quinquagésimo aniversário da mesma; o compositor visitou o porto de Sasebo antes de compor a peça em questão, tendo ficado maravilhado com a vista do arquipélago intitulado “99 ilhas”; em 2003, a cidade de Sasebo comemorava também o seu centésimo aniversário, facto que também promoveu a composição da obra (Suzuki 2004).

O compositor baseia-se numa equivalência entre as letras do nome *Sasebo* e notas musicais para compor a sua obra (*Ibid.*), à semelhança do que acontece em *Sabic Symphonic March* e em *Procession to Calvary*, de Appermont e Houben, respetivamente. A composição divide-se em três andamentos, aos quais o compositor chama “*songs*” (canções, cantos):

“I. Dawn – sunrise between the islands

II. The Archipelago and Waves – waves crash as the point of view ascends
from them up to the sky

III. Voyage – riding the crest of the waves” (*Ibid.*).

A obra teve a duração aproximada de nove minutos e meio. A escolha da mesma para o concerto no Teatro Virgínia deve-se particularmente à temática marítima a que alude, sendo *Three Spectacles for Navy Blue* uma peça representativa dos valores promovidos pela Marinha, o que faz dela uma obra adequada a um concerto realizado pela Banda da Armada – similarmente ao que acontece com duas das quatro obras de Jorge Salgueiro interpretadas no concerto em causa, *Abertura para o Gil* e *Sinfonia nº 2 “Mare Nostrum”*.

3.2.6 – *Innuendo* (Queen), arranjo de Jorge Salgueiro

Como Salgueiro refere na sua edição da partitura *Innuendo*, a obra

“foi realizada em Dezembro de 2000, comissionada pela Banda da Armada Portuguesa.

[*Innuendo*] foi composto pelo grupo de rock britânico Queen quando a doença de Freddie Mercury já se encontrava num estágio avançado [...].

Este arranjo musical é baseado na versão original e também na versão de David Palmer para orquestra e grupo de rock.

Jorge Salgueiro desenvolveu esta nova versão fazendo uso da técnica [...] de citação.

Ao longo da colagem musical que torna quase impossível discernir as citações, conseguimos ouvir a Carmen de Bizet e o Bolero de Ravel.

Vivendo intensamente, paixão na vida e na morte, sumariada no texto que catalisou esta nova versão por Jorge Salgueiro:

Freddie e Carmen dançavam o Bolero. Intensamente...”

[o texto original encontra-se redigido em inglês]

(Salgueiro 2000)

Esta obra teve a duração aproximada de seis minutos e meio. *Innuendo* tem a particularidade de, como já foi referido anteriormente, ter sido estreado precisamente no Cine-Teatro Virgínia, em Torres Novas, no ano de 2001, segundo os registos arquivados na Banda da Armada acerca dos seus concertos (RPC-BA EXT 1999-2013); os mesmos atestam-na como a obra de Salgueiro mais tocada pela Banda, referindo sessenta e quatro performances em concertos no exterior (RPC-BA EXT 1999-2013) e dez em unidades militares até ao final de 2012 (RPC-BA UN 1995-2013).

O mestrando Bruno Lopes, aluno do Conservatório de Música do Choral Phydellius aquando do concerto acima mencionado, ouviu nessa atuação, pela primeira vez, a Banda da Armada, e, simultaneamente, repertório de Jorge Salgueiro particularmente escrito para esse agrupamento musical, fator que condicionou certamente não só a sua orientação profissional como também as suas ponderações que levaram à elaboração do projeto que o presente documento de apoio fundamenta.

3.2.7 – *Marchas Célebres* (autores vários), arranjo de Jorge Salgueiro

Marchas Célebres é a segunda obra mais tocada de Jorge Salgueiro pela Banda da Armada, constatando nos registos de concertos da mesma, até ao final de 2012, trinta e uma performances em concertos no exterior (RPC-BA EXT 1999-2013) e sete em unidades militares (RPC-BA UN 1995-2013).

O arranjo de *Marchas Célebres* baseia-se em marchas da autoria dos compositores C. Teike (marcha *Alte Kameraden*), J. Strauss (marcha *Radetzky*), K. J. Alford, (marcha *Colonel Bogey*), J. Schrammel (marcha *Wien bleibt Wien*), J. P. Sousa (marcha *Stars and Stripes Forever*) e C. Calderon (*Marcha dos Marinheiros*)²⁴.

A obra teve a duração aproximada de cinco minutos e enquadra-se no concerto como uma peça extraprograma, imediatamente antes de se tocar a *Marcha dos Marinheiros*. Como refere Salgueiro na edição da partitura de *Marchas Célebres*, trata-se de “uma obra claramente lúdica”, tendo feito algumas alterações face aos originais, tais como a ênfase no contracanto do flautim na secção de *Star and Stripes Forever*, dobrando-o por todo o naipe das flautas, escrito as indicações de se tocar de pé em determinados momentos a *solo* ou *solí*, e indicado que a percussão execute a sua intervenção *solí* levantando os braços aquando do batimento das baquetas e afins; refere também que “o arranjo foi concebido a partir de *Marching On* de André Rieu, tendo o seu título sido sugerido pelo maestro Araújo Pereira” (Salgueiro 2001).

3.2.8 – *Marcha dos Marinheiros* (Carlos Calderon)

A *Marcha dos Marinheiros*, com música de Carlos Calderon, letra de Matos Sequeira e Pereira Coelho, e arranjo de F. de Sousa (Pereira 2010, 150), é atualmente o “emblema” musical da Banda da Armada. Segundo Vera Pereira, a obra remonta ao filme *Bocage* (1936), de Leitão de Barros (*Ibid.*, 115), tendo sido aprovada como Marcha da Marinha em 1993 (*Ibid.*, 123). Refere também que, “segundo entrevista [sua] ao Comandante Araújo Pereira, o Almirante Fuzeta da Ponte (CEMA [Chefe do Estado-Maior da Armada] entre 1994 e 1997) ordenou que esta marcha passasse a ser executada no final de todos os concertos da Banda” (*Ibid.*, 115). A marcha em causa é, inclusive, tocada pela Banda em diversas cerimónias de natureza militar da Marinha. Com a duração aproximada

²⁴ Na edição da partitura da obra *Marchas Célebres*, o compositor Salgueiro menciona os nomes dos compositores cujas marchas são referenciadas e, particularmente, as marchas *Barras e Estrelas* (que corresponde a *Stars and Stripes Forever*) e *Marcha dos Marinheiros*. Após se atentar na partitura e a posterior esclarecimento pelo próprio compositor (previamente à realização da entrevista), percebeu-se que as restantes marchas referenciadas musicalmente são as anteriormente enunciadas. O compositor Jorge Salgueiro deu igualmente a conhecer um dado complementar, visto haver um engano na edição, demonstrando que também há uma alusão à marcha de Johann Schrammel.

de dois minutos, a *Marcha dos Marinheiros* promove em todos os concertos uma maior interação entre a Banda da Armada e a assistência, pois o agrupamento musical não só toca a sua música como também canta a sua letra, convidando implicitamente o público a partilhar da sua performance:

“Os marinheiros, aventureiros,
São sempre’os primeiros na terra ou no mar...
Ao ver as belas pelas janelas,
Soltam logo’as velas para’as conquistar.

Ao navegar, sobre’as ondas desde Gôa
Nós viemos a pensar nas meninas de Lisboa[.]
Desembarcados, mesmo’assim, os marinheiros
Vamos ficar ancorados a uns olhos traiçoeiros.

Salgadas pelo mar as nossas bocas vêm[,]
Vêm procurar o mel que’os beijos têm
Que’é tão bom para’as adoçar[.]

Largamos vela da Ribeira de Pangin [*sic*],
A pensar n’uma janela enfeitada de’alecrim[.]
Entrando’a barra, mal a Nau chega’a Belém,
O marujo deita’a amarra à mulher que lhe convém.

Os marinheiros, aventureiros,
São sempre’os primeiros na terra ou no mar...
Ao ver as belas pelas janelas,
Soltam logo’as velas para’as conquistar.”²⁵

Esta obra reitera o objetivo primário da Banda da Armada em contextos civis, que é o de representar a Marinha Portuguesa em terra.

²⁵ Dado se omitir aqui a melodia que o texto acompanha paralelamente às pautas musicais, o mesmo é agora apresentado com uma diferente disposição, inclusive com a modificação de algumas maiúsculas (texto retirado da transcrição musical da parte vocal por Rui Marques, em: Pereira 2010, 124).

Síntese e conclusão

O percurso de Jorge Salgueiro na Banda da Armada está claramente marcado pela sua atividade enquanto compositor. Já para a Banda, a sua passagem pela mesma é particularmente importante pelo facto de ter sido o primeiro e único compositor residente, até a data e pelos registos que se conhecem, não só desta banda como do universo das outras bandas militares portuguesas. O facto do Chefe Araújo Pereira reconhecer em Salgueiro os seus dotes composicionais, a par das vantagens que a Banda poderia ganhar ao ter no seu corpo um elemento que se dedicasse exclusivamente à composição, proporcionou a Jorge Salgueiro a possibilidade de poder compor para a Banda, primeiro sem objetivos predefinidos e, pouco a pouco, com uma determinada especificidade. Considere-se uma primeira fase composicional dedicada à Banda da Armada (ainda antes de Jorge Salgueiro se tornar seu compositor residente) iniciada com o seu contributo para a Banda ao compor a sua primeira sinfonia, *A Voz dos Deuses*. Ao caminhar-se para a transição de século, o compositor começou, por um lado, a compor para a Banda segundo objetivos delineados pela chefia e, por outro, a ser aliciado no meio civil para se dedicar estritamente à composição, o que levou à ponderação da criação do cargo de compositor residente na Banda da Armada especialmente para si – cargo esse que desempenhou durante mais de dez anos. Durante o período em que foi compositor residente na Banda, a sua relação com os diferentes elementos da chefia, a par do seu contributo para determinadas parcerias entre a Banda e outras instituições, proporcionou-lhe diferentes abordagens no desenvolvimento do seu trabalho, o que, olhando retrospectivamente, permite destacar a existência de três fases. A primeira, em que Salgueiro refere ir “completamente ao encontro daquilo que são as expetativas das pessoas” (entr. Salgueiro 2013), rapidamente se encaminha para a segunda, no espaço de cerca de dois anos, passando então a sua pessoa e a chefia “a caminhar juntos” (*Ibid.*). A terceira, por fim, revela-se como a tentativa de Salgueiro se “constituir charneira em relação ao pensamento artístico” da Banda (*Ibid.*). O seu percurso enquanto compositor residente na instituição teve início aquando da chefia do Comandante Pereira (e subchefia de Ribeiro), tendo a segunda fase começado aproximadamente na mesma altura em que o Tenente Délio se juntou à chefia como Adjunto do Chefe da Banda da Armada (subordinado aos dois já existentes em termos hierárquicos). Com a passagem à reserva do Comandante Pereira em

2005, assumiu as funções de chefia o Comandante Ribeiro e, por sua vez, Tenente Délio as de subchefia. Após essa transição de cargos, surgiram as parcerias com o Teatro O Bando e o Coral Infantil de Setúbal, as quais revelavam os esforços vanguardistas de Salgueiro, característicos da terceira fase, que eram apoiados naturalmente pela chefia. A passagem do compositor à reserva após a percepção de alguma contestação perante a estreia da sua obra *Time Machine* não invalida a grande importância da Banda da Armada na sua vida, havendo a particularidade de lhe ter sido muito útil como instrumento musical coletivo.

Enquanto Salgueiro foi compositor residente da Banda da Armada, o seu trabalho desenvolveu-se não só em função do calendário protocolar da Banda e da Marinha como também no sentido de criar, por um lado, o que a chefia lhe determinava para as mais diversas situações e ocasiões, e, por outro, obras específicas à sua própria aspiração artística e estética. O seu repertório exclusivamente composto para a Banda contribuiu (e continua a contribuir) para a afirmação e reforço da sua identidade enquanto agrupamento musical, bem como da identidade da própria Marinha, mormente mediante a alusão a questões de natureza marítima e náutica. Por essas razões, o mestrandu caminhou no sentido de realizar um concerto pela Banda da Armada em que se salientasse repertório de Jorge Salgueiro associado à temática do Mar, como é o caso da *Abertura para o Gil* e da sinfonia *Mare Nostrum*, bem como obras suas que tivessem sido recorrentemente interpretadas pela Banda, e verificou-se que *Innuendo* e *Marchas Célebres* haviam sido os seus arranjos mais tocados, com a particularidade de *Innuendo* ter sido estreado no local onde se materializou o projeto. A temática do Mar esteve também presente na peça *Three Spectacles for Navy Blue*, de Suzuki, na *Marcha dos Marinheiros*, de Calderon e, consequentemente, na obra *Marchas Célebres*, (visto que a mesma cita musicalmente um excerto da *Marcha dos Marinheiros*). Por sua vez, *Sabic Symphonic March* de Appermont e *Procession to Calvary* de Houben, além de todas as obras anteriormente referidas, são comuns ao repertório em uso pela Banda na atualidade. O alinhamento do programa realizado revela, portanto, quatro níveis de contraste e consequente complementaridade: alternância de repertório de Jorge Salgueiro com repertório de compositores estrangeiros; apresentação no início do concerto de repertório original de Salgueiro e, no final da segunda parte, de arranjos seus de obras de outros autores; evidência de repertório da sua autoria baseado na temática do Mar e de repertório do próprio que tenha assumido uma maior popularidade ao longo das diversas performances da Banda (sendo de notar que, no

que diz respeito à temática do Mar, foram apresentadas duas obras: a *Abertura para o Gil*, prévia à criação do seu cargo de compositor residente, e a sinfonia *Mare Nostrum*, já composta após a criação do mesmo); e repertório associado à natureza militar da Banda, como é o caso da obra que deu início à segunda parte do concerto, *Sabic Symphonic March* (para além das outras duas marchas), contrastando logo de seguida *Procession to Calvary*, com o seu cariz religioso. De modo geral, o concerto assumiu um caráter de dualidade temática mediante o realce de repertório do compositor residente da Banda da Armada e de obras alusivas à temática do Mar.

Lembre-se a importância que Jorge Salgueiro considera em se tocar na Banda da Armada repertório de compositores que dela tenham feito parte, de “forma estruturada” (entr. Salgueiro 2013), em prol da preservação e divulgação da sua identidade. Neste sentido, ao interpretar as obras referidas no concerto do Teatro Virgínia, a Banda apresentou, mais uma vez, pedaços da sua História viva, afirmando a sua identidade não só enquanto organismo representativo dos valores da Marinha Portuguesa como também enquanto insigne agrupamento musical.

Conclui-se que o percurso de Jorge Salgueiro enquanto compositor na Banda da Armada marcou um novo período na História dessa instituição, e o mesmo se pode dizer acerca do impacto que a Banda teve na sua vida. As diferentes fases por que passou nesse agrupamento na qualidade de seu compositor residente condicionaram o respetivo trabalho composicional, pois os critérios de escolha das chefias em relação ao repertório a tocar-se definiam, com maior ou menor grau, o caminho pelo qual Salgueiro enveredava, e tal espelhou-se, naturalmente, nas apresentações da Banda. De certo modo, Jorge Salgueiro e a Banda da Armada construíram, entre si, uma relação simbiótica, ambos beneficiando com a sua interação profissional e musical. Jorge Salgueiro, enriquecido pela sua experiência enquanto compositor residente na Banda, continua a desenvolver prolificamente o seu trabalho a nível da composição, e a Banda da Armada continua a promover e a dar a conhecer o trabalho composicional no seu seio criado. Tendo em conta as variadíssimas circunstâncias em que este agrupamento musical exerce as suas funções militares e culturais, não só dentro da Marinha como também representando-a no exterior, a criação do cargo de compositor residente proporcionou o desenvolvimento de repertório musical a ele exclusivamente destinado, o que contribui para um maior dinamismo musical e social entre a Banda da Armada e todos os que a escutam.

Referências bibliográficas

Houben, Kevin. 2009. *Procession to Calvary (after Pieter Brueghel the Elder)*. Hagendorn, Suíça: Scherzando Music Publishers.

Pestana, Maria do Rosário. 2013. "A música popular, a imprensa e os discos: Mobilização política, crítica social e comicidade nos primeiros anos do século XX." *Modernidade Audível: Políticas e estéticas do som gravado em Portugal*, ed. Salwa Castelo-Branco e Leonor Losa. Lisboa: Tinta-da-China.

Pereira, Vera. 2010. *Música e Poder Simbólico (A Banda da Armada como Paradigma Nacional)*. Lisboa: Comissão Cultural da Marinha.

Salgueiro, Jorge [1997]. *Abertura para o Gil*. s.l: edição de autor.

Salgueiro, Jorge [2000]. *Innuendo*. s.l: edição de autor.

Salgueiro, Jorge [2001]. *Marchas Célebres*. s.l: edição de autor.

Salgueiro, Jorge [2004]. *Sinfonia nº 2 "Mare Nostrum"*. s.l: edição de autor.

Sousa, Pedro. 2008. *História da Música Militar Portuguesa* (col. História Militar). Lisboa: Tribuna da História.

Suzuki, Eiji. 2004. *Three Spectacles for Navy Blue*. Hiroshima, Japão: Brain Co., Ltd.

Referências da web

<http://www.bertappermont.be/en/index.php/sabic-symphonic-march>

(consultado a 30/05/2013)

<http://www.jorgesalgueiro.com/pt/bio>

(consultado a 30/05/2013)

<http://www.jorgesalgueiro.com/pt/discografia/banda-da-armada-portuguesa>

(consultado a 30/05/2013)

<http://jornadasdomar.marinha.pt/pt/objectivos/Paginas/Objectivos.aspx>

(consultado a 30/05/2013)

Entrevistas

Sargento-Mor António Menino – entrevista realizada no dia 3 de abril de 2013, no Quartel de Alcântara (Lisboa)

Primeiro-Tenente Délio Gonçalves – entrevista realizada no dia 4 de abril de 2013, no Quartel de Alcântara (Lisboa)

Capitão de Fragata Araújo Pereira – entrevista realizada no dia 4 de abril de 2013, no Café Pinto's (Estoril)

Capitão de Fragata Carlos Ribeiro – entrevista realizada no dia 4 de abril de 2013, no Quartel de Alcântara (Lisboa)

Sargento-Ajudante Jorge Salgueiro – entrevista realizada no dia 8 de abril de 2013, na sua residência pessoal (Palmela)

Outra documentação

RPC-BA EXT 1989-99 – *Registo de programas dos concertos realizados pela Banda da Armada no exterior* (meio civil), de 14/07/1989 a 19/06/1999

RPC-BA EXT 1999-2013 – *Registo de programas dos concertos realizados pela Banda da Armada no exterior* (meio civil), de 24/07/1999 a 19/01/2013

RPC-BA UN 1967-94 – *Concertos nas Unidades* (Registo de programas dos concertos realizados pela Banda da Armada nas unidades militares), de 31/05/1967 a 22/12/1994

RPC-BA UN 1995-2013 – *Concertos nas Unidades* (Registo de programas dos concertos realizados pela Banda da Armada nas unidades militares), de 05/05/1995 a 14/02/2013

OR-FC BA – *Obras realizadas no desempenho das funções de compositor ao serviço da Banda da Armada Portuguesa*, de 2000 a 2005 (listas gentilmente cedidas por Jorge Salgueiro)

CAM-BA – Catálogo do arquivo musical da Banda da Armada

TEATRO VIRGÍNIA | TORRES NOVAS 2013

Concerto Sinfónico pela Banda da Armada

CICLO DE BANDAS MILITARES

19 janeiro | sábado 21h30



www.teatrovirginia.com | facebook.com/teatrovirginiatorresnovas

Parceiros



TURISMO
espaços

TORRES NOVAS
município



ALAIN FLELOU
OPTICO



Anexo B – programa do concerto relativo ao projeto



PROGRAMA

I

ABERTURA PARA O GIL

Jorge Salgueiro

SINFONIA N.º 2

MARE NOSTRUM

Jorge Salgueiro

- I Vocatorius
- II Sirenis
- III De Profundis
- IV Adventus

Soprano: SARA LAUREANO

II

SABIC SYMPHONIC MARCH

Bert Apperment

PROCESSION TO CALVARY

Kevin Houben

**THREE SPECTACLES
FOR NAVY BLUE**

Eiji Suzuki

INNUENDO

Queen

Arr.: J. Salgueiro



BRUNO MIGUEL GUIA LOPES



Bruno Lopes, nascido em 1984 na freguesia de Azinhaga, iniciou os seus estudos musicais aos 9 anos com a sua mãe, professora de Educação Musical, e com o seu tio-avô, ambos membros da Sociedade de Recreio Musical Azinhaguense - banda onde tocou posteriormente. Aos 10 anos ingressou no Conservatório de Música do Choral Phydellius, em Torres Novas, como aluno de piano da classe da professora Saraswati Griffith, tendo terminado o 1º ano inclusive com o reconhecimento de THE ASSOCIATED BOARD OF THE ROYAL SCHOOLS OF MUSIC; completou o 2º ano de piano com o professor Alexei Eremin.

Aos 12 anos começou a estudar clarinete com o seu tio e professor Paulo Guia na mesma escola. Foi membro do respetivo Ensemble de Clarinetes, com o qual atuou, entre outros, no Festival Internacional de Música de Tomar, no Ciclo Internacional de Música em Torres Novas e no Centro Cultural de Belém. Concluiu o Curso Complementar de Clarinete no referido conservatório.

Participou em Masterclasses de clarinete com os professores Francisco Ribeiro, Jorge Trindade, Paulo Guia, Manuel Jerónimo, Rui Martins, José Maria, Nuno Silva, Luís Gomes, Joaquim Ribeiro, Luís Silva, Paulo Gaspar, Enrique Perez Piquer, Andrew Simon e Paul Meyer; participou nos 6º, 7º, 8º e 9º estágios da Orquestra Nacional de Sopros dos Templários, em Tomar, com a direção dos maestros António Saiote, Roberto Asensi e Octávio Mas Arocas; em 2001 entrou para a Orquestra de Clarinetes de Almada, dirigida pelo professor Manuel Jerónimo.

A nível de Direção, participou no XIV Curso Intensivo de Direção Coral sob a orientação do maestro José Robert no ano de 2003; em 2004 e 2005 frequentou, respetivamente, o IV e V Workshops de Direção de Banda em Porto Salvo, com a orientação dos maestros Jo Conjaerts e Délio Gonçalves; frequentou igualmente o I e II Cursos de Direção de Banda de Pontével, em 2006 e 2007, sob a orientação do maestro Délio Gonçalves. Foi maestro da Banda da Sociedade Filarmónica União Matense e Formador no 1º Estágio Para Jovens Músicos Torrejanos em 2005, sob a orientação do Prof. Vítor Ferreira e organização do Conservatório de Música do Choral Phydellius. Foi Professor de Classe de Conjunto no conservatório referido, frequentou a Masterclass de Direção de Orquestra de Sopros em 2010, na Escola Superior de Música de Lisboa, sob a orientação dos maestros Laurence Marks e Alberto Roque, bem como do professor Eric Ewazen. Ainda em 2010 frequentou o II Estágio de Direção Musical *Vila de Portel* na classe de Direção de Orquestra, sob a orientação do maestro Luís Clemente, e também o Curso de Direção de Banda da SAMP, em Pousos, orientado pelo maestro Alberto Roque. Em 2011, participou no II Workshop de Direção de Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense, com a orientação do maestro Jo Conjaerts.

Completo o 1º ano do Curso de Ensino de Música em 2003, na vertente de Clarinete, da Universidade de Aveiro, na classe do professor Luís Silva. Posteriormente, licenciou-se em Ciências Musicais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Atualmente, encontra-se a frequentar o segundo ano de Mestrado em Música, no ramo de Direção, da Universidade de Aveiro, curso este que é orientado pelos maestros António Vassalo Lourenço, Vasco Negreiros, Ernst Schelle, Luís Cardoso e Luís Carvalho. É também, desde 2004, Músico da Banda da Armada.

BANDA DA ARMADA

Segundo fontes históricas, já na primeira metade do século XVIII existia na Armada uma "música marcial" intitulada "charameia".

Em 1807 acompanhou a família real na sua viagem para o Brasil. Deslocando-se a vários países, designadamente Inglaterra, Bélgica e França, acompanhou o Rei D. Fernando II a bordo da corveta "Mindeio", efectuando uma série de concertos em Bordéus.

Em 1903 a "Banda dos Marinheiros" realizou aquelas que são as primeiras gravações efectuadas em Portugal, num total de 26 temas (e outros tantos discos) dos quais existe um exemplar no nosso país e os restantes 25 nos arquivos da EMI em Inglaterra.

Das suas deslocações ao estrangeiro e ilhas destacam-se:

- Em 1922, embarcada no navio presidencial "Porto", acompanhou o Presidente da República Dr. António José de Almeida na viagem oficial para participar nas comemorações do 1º Centenário da Independência do Brasil, realizando vários concertos no Rio de Janeiro;
- Em 1982, deslocou-se à Ilha da Madeira integrada nas cerimónias do Dia da Marinha na cidade do Funchal, e a França, onde participou com mais onze bandas de várias nacionalidades no Festival Internacional de Bandas Militares de Paris;
- Em 1983, deslocou-se aos Açores integrada nas cerimónias do Dia da Marinha na cidade de Ponta Delgada, tendo realizado concertos nas nove ilhas;
- Em 1988, deslocou-se novamente à Ilha da Madeira, onde participou no XI Festival de Bandas Militares de Portugal;
- Em 1992, deslocou-se duas vezes aos Açores, e a França, à cidade de Chateaudun, onde participou no 5º Festival Internacional de Música Militar;
- Em 1994, deslocou-se aos EUA/Norfolk, onde participou no XII Festival Internacional das Azuleiras, em representação nacional, no qual participaram mais 20 Bandas.

Em 1999 foi-lhe concedida a Medalha de Ouro de Serviços Distintos por S.ª EX.ª o Almirante CENAM.

- Em 2007 embarcou nos N.R.P.s. "Sagres" e "João Roby" para participar nas Comemorações do Dia da Marinha, no Arquipélago dos Açores, onde realizou vários concertos e todo o cerimonial militar nas Ilhas do Faial, Terceira e S. Miguel;
- Em 2008 deslocou-se a Bremen – Alemanha onde participou no 44º Musikschau der Nationen e durante uma semana realizou dois espetáculos diários, com mais nove Bandas Militares de todos os continentes, para um total de cerca de 25.000 espectadores;
- Ainda nesse ano, deslocou-se às Ilhas da Madeira e do Porto Santo, para participar nas comemorações do Dia da Marinha, onde realizou vários concertos e todo o cerimonial militar.

Ao longo dos tempos a Banda da Armada tem desenvolvido um trabalho de grande interesse público, tanto ao nível do cerimonial militar e do protocolo de Estado, como no âmbito cultural, onde tem realizado concertos por todo o território português e no estrangeiro. Tem-se pautado por uma constante evolução e inovação, como é exemplo a permuta de conhecimentos, ao incluir elementos exteriores ao seu quadro orgânico, nas suas apresentações públicas. Estão neste caso atuações conjuntas com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e vários grupos corais, assim como vozes e instrumentos solistas.

Fazem parte dos seus quadros alguns dos melhores instrumentistas da atualidade portuguesa e ao longo da sua história têm pertencido, e continuam a dispor nas suas fileiras, vários compositores de reconhecido mérito.

A Banda da Armada foi chefiada pelos seguintes maestros: Caetano Tozzi (italiano), Pascoal Corvalini (italiano), Mark Holzel (alemão), Artur Reinhardt (belga) e os portugueses: António Maria Chén, José de Oliveira Brito, Artur Fernandes Fão, Marcos Romão dos Reis, Manuel Maria Baltazar, José Joaquim de Araújo Pereira, Carlos da Silva Ribeiro e, desde 2010, é chefiada pelo ITEN MUS Delio Gonçalves.

BANDA DA ARMADA

**RECITAL INTEGRADO
NO PROJECTO DE MESTRADO
EM MÚSICA, RAMO DE DIREÇÃO,
DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO - DECA**

DIREÇÃO: BRUNO LOPES



**TORRES NOVAS - TEATRO VIRGÍNIA
21.30 HORAS
19 DE JANEIRO DE 2013**